

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XX

NOVEMBRO 1959

N.º 158

A SEMANA DE ORAÇÃO

(7 a 14 de Novembro de 1959)

A anual SEMANA DE ORAÇÃO na Igreja Adventista significa uma semana de ênfase na renovação e reviviscência espiritual. De ano para ano, os membros da nossa Igreja, que têm assistido às reuniões destas SEMANAS, em todo o mundo, têm recebido grandes bênçãos espirituais. Nestas SEMANAS de ORAÇÃO, os nossos membros têm dedicado o seu tempo à meditação e à oração, o que lhes tem permitido obter do alto uma nova visão espiritual para o ano seguinte. Centenas e milhares dos nossos membros têm sido assim elementos de salutar influência, com a sua vida, nas vidas dos seus vizinhos e amigos, porque têm sabido recolher novos elementos para manifestarem a sua dedicação à causa do Salvador, precisamente porque têm tido tempo para introspectar as suas relações pessoais com Deus. As Semanas de Oração têm contribuído para a construção de uma experiência cristã vital tanto da parte dos leigos como dos ministros.

E eis-nos, Irmãos, na Semana de Oração de 1959. Apresenta ela o privilégio e o desafio para uma vida espiritual vitoriosa.

Todos temos necessidade imperiosa de orarmos de uma maneira especial, a Deus, neste tempo.

Oremos para que Deus na sua terna misericórdia e no seu infinito amor ainda retenha, durante mais algum tempo os ventos da perturbação e da incerteza, neste velho e desiludido mundo, até que a Obra da Mensagem esteja finalizada.

Oremos para que Deus reforce os laços de unidade espiritual na Igreja, por todo o mundo.

Oremos, Irmãos, em todos os países, para que aumente a piedade pessoal.

Lembremo-nos dos nossos irmãos que nas mais remotas partes do mundo estão sofrendo perseguições e dificuldades de toda a espécie, pelo nome de Jesus.

Ainda não houve nenhum outro tempo, como este, em que mais se tenha sentido a necessidade de orarmos pela evangelização do mundo.

Prostrados de joelhos diante de Deus, apresentemos-Lhe fervorosas orações para que se digna abrir à influência do Evangelho aquelas terras, onde a luz da salvação ainda não penetrou.

Oremos para que os ministros do povo remanescente sejam fortalecidos com um novo Pentecostes, para a prègação do Evangelho.

E quando orarmos, lembremo-nos das seguintes palavras:

«O mesmo compassivo Salvador vive hoje, e deseja ouvir a oração de fé, tal como quando estava visivelmente entre os homens. A natureza coopera com o sobrenatural. Faz parte do plano de Deus não nos conceder aquilo que não pedirmos.» —
Conflito dos Séculos.

Uma vez que Deus está disposto a conceder-nos as bênçãos que nos tem preparadas, nesta Semana de Oração, vejamos a maneira de as conservar e de as fazermos frutificar.

Depois de ter findado a Semana da Oração, devemos continuar o nosso fervor e diligência nas orações privadas, assim como na nossa meditação e devoções.

Devemos ler a Palavra de Deus com toda a regularidade, destinando, também algum tempo a meditar nas grandes verdades que Deus nos revelou.

(Continua na pág. 26)

(Leitura para Sábado, 7 de Novembro de 1959)

«MESMO À PORTA»

Os Adventistas do Sétimo Dia fomos divinamente despertados e suscitados não só para proclamar a bemaventurada esperança da igreja de que Jesus vai voltar em breve, neste tempo, em poder e glória, mas também, mais explicitamente, para ser coroado Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Nós os Adventistas do Sétimo Dia recebemos a comissão de declarar que este grande e majestoso acontecimento já está iminente, e que o Senhor Jesus já está mesmo à porta que separa a terra do céu. Dentro em breve, o Senhor Jesus vai transpor o limiar para tomar conta de todos os assuntos que dizem respeito à terra. Em torno de nós escalonam-se numa visão clara e nítida toda essa série de acontecimentos que anunciam, como verdadeiros percursoras, a próxima Vinda do Senhor Jesus.

Incumbe-nos a grande responsabilidade de tocar bem alto e bem forte, em todos os tons, a buzina que proclama a toda a terra a iminência da Volta do Salvador. «Quando virdes todas estas coisas, sabei que Ele está próximo às portas».

O povo de Deus deve viver, nestes últimos dias, na firme convicção da próxima Vinda do Senhor Jesus. Esta convicção deverá, portanto, afectar, profundamente a nossa maneira de viver: «Por isso estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora, em que não penseis. Quem é pois o servo fiel e prudente que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bemaventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim». (Mateus 24:44-46).

Que o Senhor Jesus voltará, em breve, a esta terra, pela segunda vez para receber os seus, está claramente estabelecido nas Sagradas Escrituras. As igrejas cristãs têm

Pelo Pastor R. R. FIGUHR
PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA GERAL

sempre considerado esta verdade, no decorrer dos tempos, como uma doutrina bíblica. É vulgar os prégadores de diferentes denominações falarem acerca deste assunto, com bastante clareza e convicção. Reconhecem-lhe fundamento bíblico, dando-lhe, portanto, certo relevo derivado, precisamente, por se encontrar, claramente, na Sagrada Escritura.

«A Segunda Vinda de Jesus Cristo — escreve Oscar Lowry — é mencionada umas trezentas vezes no Novo Testamento. Pode dizer-se que, em média, cada um de entre vinte e cinco versículos desde S. Mateus até o Apocalipse, refere-se à Segunda Vinda de Jesus. Há mais de 300 profecias distintas no Velho e no Novo Testamento que dizem respeito à Segunda Vinda de Jesus. Há mais de mil alusões à Segunda Vinda de Jesus, em toda a Bíblia. Por cada vez que se fala de sacrifício ou expiação, fala-se duas vezes da Segunda Vinda. Por cada vez que se menciona o primeiro advento de Jesus, menciona-se oito vezes o Segundo Advento... Paulo mencionou o baptismo umas quinze vezes; mas mencionou a Segunda Vinda, 55 vezes...»

Se devemos considerar importante uma doutrina por causa da sua proeminência nas Escrituras, então a Segunda Vinda de Jesus atinge a maior altura.

O maior acontecimento que jamais tomará lugar na história deste mundo será o da Volta pessoal de nosso Senhor Jesus Cristo; por isso não nos devemos admirar que a Bíblia o considere de um modo especial como o maior de todos os acontecimentos». — *A Segunda Vinda de Jesus*, págs. 7 e 8.

No *Conflito dos Séculos*, lemos que «a segunda vinda de Jesus é a nota dominante das Sagradas Escrituras». Também lemos que a segunda vinda de Jesus é a chave que nos abre a Bíblia.

Pode dizer-se que, se este grande tema, acerca do qual os profetas e os apóstolos falaram largamente com tanto fervor e confiança, se este grande tema for posto de parte, na Palavra de Deus, então o objectivo da Bíblia e da sua mensagem perder-se-á em grande escala. Este sublime tema é tão essencial para a compreensão da Sagrada Escritura e do objectivo de Deus com respeito ao homem, que todo e cada cristão deveria compreendê-lo claramente e amá-lo ardentemente.

A segunda vinda de Jesus restituirá, plenamente tudo quanto foi perdido pelo pecado. A segunda vinda de Jesus porá fim ao reino do pecado com todo o seu cortejo de calamidades e de sofrimentos, tudo isto culminado pela morte.

A Volta gloriosa de Jesus varrerá eternamente de todo o universo, até a sombra do mal e do pecado. De alguma maneira repará e retomará o primitivo objectivo de Deus a respeito deste mundo, restituindo-lhe a justiça eterna, a paz sem fim e a completa harmonia.

Prezados Irmãos, que perspectiva admirável e gloriosa não se depara aos olhos dos crentes!

Por isso, não é de admirar que a Sagrada Escritura esteja tão repleta deste importantíssimo tema.

Sabemos que o povo de Deus através de todos os tempos e em todas as épocas e idades tem tido, sempre a sua atenção especialmente dirigida para a expectativa da Segunda Volta de Jesus. Bem sabemos como o fiel Enoch depois de andar 300 anos com Deus, foi para junto do seu Senhor; por isso numa linguagem nervosa e expres-

siva exclama: «Eis que é vindo o Senhor com milhares dos seus santos, para fazer juízo contra todos». (S. Judas 14,15).

Também o paciente Job no meio da sua desventura e dos seus sofrimentos fala da esperança que o sustém: «Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra» (Job 19:25).

Também o mavioso vate de Israel cantou a sua esperança, quando disse: «Virá o nosso Deus e não se calará; adiante d'Ele um fogo irá consumindo, e haverá grande tormenta ao redor d'Ele. Chamará os céus do alto, e a terra para julgar o seu povo» (Salmo 50:3,4).

Isaías, o profeta evangélico, conforta o povo de Deus com a garantia do triunfo final: «Confortai as mãos fracas, e fortalecei os joelhos trementes. Dizei aos turbados de coração: Esforçai-vos, não temais: eis aqui o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá e vos salvará». (Isaías 35:3,4).

Também Zacarias descreve assim o dia da Vinda do Senhor: «Eis que vem um dia do Senhor, em que os teus despojos se repartirão no meio de ti... e os seus pés estarão sobre o monte das Oliveiras... e naquele dia também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas... e o Senhor será rei sobre toda a terra». (Zacarias 14:1,4,8,9).

Também Jesus fez a mesma promessa aos discípulos com aquelas palavras que nos são tão familiares: «Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vô-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver, estejais vós também». (João 14:2,3).

Também os anjos por ocasião da Ascensão confortaram os discípulos bem desanimados e perplexos, dizendo-lhes: «Varões galileus, porque estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima, no céu, há-de

vir, assim como para o céu o vistes ir» (Actos 1:11).

O apóstolo Paulo, tendo bem na memória a segunda vinda de Jesus, avisa-nos de que «vivamos neste presente século, sóbria, e justa e piamente» (Tito 2:12).

E o fiel João, o último sobrevivente dos Doze, encerra o sagrado depósito da Bíblia com aquelas palavras da esperança, que ele tão ternamente amou: «Ora vem, Senhor Jesus».

Sim, prezados irmãos: o Senhor Jesus vai voltar brevemente. Esta bemaventurada esperança dos filhos de Deus vai realizar-se dentro em breve.

Através dos anos, muitos crentes acariciaram o pensamento de que veriam, pessoalmente, o seu Senhor quando Ele vier na sua glória e todos os seus santos anjos com Ele. Muito em breve — o dia não está distante — poderão contemplar o seu glorioso Rei, sentado no seu trono de glória, tendo à sua volta todas as nações. «Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam». (Mateus 24:34).

O coração que vive na paz do seu Senhor olha para a frente, para aquele dia com alegria indizível.

Porém, enquanto o dia e a hora exacta da Volta do Senhor são, apenas conhecidas de Deus, a verdade é que estamos avisados, explicitamente, de que podemos saber quão próxima está essa vinda, e que já está mesmo à porta. Foi o mesmo Senhor que nô-lo disse. No conhecido capítulo 24 de S. Mateus, e também em S. Lucas 21, assim como noutros passos da Sagrada Escritura, o Senhor Jesus disse que determinados acontecimentos deste mundo serviriam para nos indicar claramente que a Sua Volta estaria para breve. «Ora, quando estas coisas começarem a acontecer — disse Jesus — olhai para cima, e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima» (S. Lucas 21:28).

Ora, entre «estas coisas» referidas por Jesus, incluem-se as seguintes:

1 — O desfalecimento do coração quando se contempla o futuro. Quem poderá encarar sem grandes preocupações a perspectiva do futuro? Vivemos na época do medo.

«Por vezes — escreve alguém — penso que não estamos apenas numa grande encruzilhada, mas que cada uma das estradas em que nos encontramos ostenta o seguinte leitreiro 'Segue com o teu próprio risco'».

2 — A angústia em que vivem as nações também é um outro sinal de que nos aproximamos do fim. O mundo encontra-se dividido profundamente em grandes grupos antagónicos. Obsecadas pela suspeita e pelo medo, as nações tremem de pavor e fazem barricadas atrás das muralhas do medo e da suspeita. A suspeita gera a suspeita. O mundo está envolto numa pavorosa luta para sobreviver.

Não há dúvida de que a angústia em que as nações estão vivendo recorda o aviso do Senhor Jesus, de que em breve voltaria.

3 — Guerras e rumores de guerras são, indubitavelmente, um outro sinal da próxima Volta do Salvador.

Uma grande parte dos orçamentos das nações são destinados a objectivos militares. Até as nações fracas e pequenas, e podemos dizer as que são ostensivamente pobres — até estas nações destinam grande parte do seu orçamento para objectivos militares.

Não há dúvida de que, se fosse possível banir da superfície da terra o espírito de guerra, que a envolve, isso representaria um grande alívio e uma garantia de segurança para a humanidade. Mas longe de desaparecer o espírito de guerra, parece que cada vez mais recrudescer.

O tempo e o espaço não permitem senão mencionar alguns dos muitos sinais da próxima Vinda de Jesus e aos quais o próprio Salvador se referiu. Nos últimos dias — disse Jesus — haverá fo-

mes — apesar de em algumas partes da terra haver grande abundância. Jesus menciona, também as perturbações de ordem natural, assim como o aumento da criminalidade e da violência.

J. Edgar Hoover predisse que a taxa do crime aumentará 35 % nos próximos 10 anos, nos Estados Unidos. Também noutros países se apresentam as mesmas perspectivas. Os crimes mais graves têm aumentado 56 % desde 1950. (*Survey Bulletin Quote*, 9-14-58).

Tal é a desgraçada situação em que o mundo actual se encontra.

A luta entre as classes sociais, nomeadamente entre o patrão e o operário, como já foi predita por S. Tiago, está-se tornando cada vez mais aguda.

Já também o apóstolo Paulo chama a nossa atenção para essa forma de religião que prevalecerá nos últimos dias, e que se manifesta sob a forma de piedade: assim efectivamente diz o apóstolo: «Tendo a aparência de piedade, mas negando a eficácia dela; destes afasta-te». (II Timóteo 3:5).

Para qualquer parte que olhemos, seja qual for o domínio ou esfera de actividade que consideremos, neste mundo, — por toda a parte surgem os sinais evidentes de que o Salvador está às portas.

Ora, perante todos estes sinais que tão evidentemente proclamam que o Dia do Senhor se aproxima velozmente, nós os Adventistas somos chamados urgentemente, pelo apóstolo Pedro a prestar toda a atenção a esta questão verdadeiramente pertinente: «Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade».

Todo o Adventista do Sétimo Dia deve pensar bem neste importantíssimo problema. Em toda a nossa conduta, como Adventistas que professamos o que acreditamos, que pessoas nos convém ser? Nestes momentosos dias, não podemos nem devemos professar uma coisa e viver outra.

Fomos suscitados para proclamar a iminência da Volta do nosso Salvador.

Mediante a palavra e uma vida que lhe seja acorde, temos de declarar e anunciar a todo o mundo que o Senhor Jesus está às portas.

O objectivo do grande enganador, agora, nestes últimos tempos, é precisamente, o de levar os crentes a dizerem nos seus corações: «O meu Senhor tarde virá», arrastando-os a cuidarem dos negócios e interesses deste mundo.

Se Satanás conseguir levar os Adventistas para tal estado de indiferença, já não terá a temer as pregação ardentes e missionárias relativas à Segunda Vinda de Jesus. Por isso temos de continuar sempre vigilantes, e cada vez mais fervorosos na pregação e na divulgação desta verdade fundamental para a nossa fé adventista que é a iminência da Segunda Vinda de Jesus.

As nossas vidas devem dar pleno testemunho desta fé, desta bemaventurada esperança, que professamos.

Estamos vivendo nos últimos tempos. A bemaventurada esperança do aparecimento de nosso Senhor vai realizar-se dentro em breve. Os céus abrir-se-ão e mostrarão a Volta gloriosa do Salvador, acompanhada de todos os santos anjos. A pergunta palpitante e importantíssima que temos de nos fazer a nós mesmos é a seguinte: Estou-me eu preparando a sério para aquele dia? Estarei eu devidamente preparado, quando o Senhor Jesus voltar?

«Irmãos! Vós a quem as verdades da Palavra de Deus foram reveladas, que parte desempenhareis nas cenas finais da história deste mundo? Estais realmente despertados para estas realidades? Estais efectivamente a efectuar o grande trabalho de preparação que se está fazendo no céu e na terra? Que todos os que recebemos a luz, que tivemos a oportunidade de ler e de ouvir a pregação das profecias, que todos nós prestemos atenção às coisas que foram escritas a este respeito, «Porque o tempo está às portas». Que ninguém con-

descenda com o pecado... Não permaneçamos mais tempo na letargia e na indiferença estúpida. Não permitamos que o destino da nossa alma permaneça na incerteza. Desde que esta gloriosa verdade ocupe o nosso coração, sabemos estar decididamente do lado do Senhor e trabalharemos para apressar a Volta gloriosa do Salvador.

Temos nós, nestas horas preciosas da provação, preparado cuidadosamente o material necessário para a construção do nosso carácter? Tendes purificado a vossa alma de toda a mancha do pecado? Tendes seguido a luz? Correspondeis as vossas obras à vossa profissão de fé?

Está a graça de Deus, suave e eficiente, operando nos vossos corações? Tendes vós corações, que sabem sentir, olhos que sabem ver, e ouvidos que sabem ouvir? Como tendes contribuído para que a pregação das verdades eternas tenham podido ecoar por todo o mundo?

«Se negligenciardes ou tratardes com indiferença os avisos que Deus nos tem dado, se acariciardes ou desculpardes o pecado, estais a pôr em perigo o destino da vossa alma... Enquanto o Salvador ainda está realizando a obra de intercessão, façamos também nós o trabalho para a eternidade». *Test.* vol. 6.

Que esta Semana de Oração tenha como resultado um fervoroso despertamento para cada um de nós, de modo a prepararmos-nos para aquele dia, em que o povo fiel de Deus poderá exclaimar com transportes de alegria «Eis o nosso Deus»; este é o Senhor a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos».

Que o Senhor nos conceda a graça de estarmos entre aqueles que amaram a Sua Segunda Vinda. Amén.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

(Leitura para Domingo, 8 de Novembro de 1959)

«NÃO HÁ OUTRO NOME»

Viver foi sempre o desejo do homem. A humanidade vive, trabalha, estuda num grande afã de descobrir o grande mistério da morte e, conseqüentemente poder dar a esta mesma humanidade uma vida sem morte.

A Bíblia diz-nos que a morte é o resultado do pecado «O salário do pecado é a morte» (Romanos 6:23).

E que é o pecado?

O pecado é a transgressão ou a quebra ou violação da Lei de Deus. O pecado é iniquidade. Por isso quem comete pecado transgride a lei.

Sabemos pela Sagrada Escritura que foi o pecado que tirou a vida a Adão, mostrando-nos, assim, que a morte é o salário do pecado; é esta a primeira morte que tanto o justo como o injusto terão de defrontar, como descendentes de Adão. Mas a segunda morte recairá, apenas, no injusto, como consequência dos seus próprios pecados adicionados à natureza pecaminosa que herdou de Adão; é o resultado da persistência no pecado, e da rejeição do convite divino. Todos, à excepção de Enoch e de Elias e dos que forem trasladados, quando o Senhor voltar, todos, portanto, terão de passar pela primeira morte.

Mas só serão exterminados pela segunda morte, os que tiverem desobedecido à mensagem divina.

Quanto é que pecaram?

«Todos pecaram...» responde S. Paulo na sua carta aos Romanos no capítulo 3, versículo 23. E o apóstolo continua, dizendo: «Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram» (Romanos 5:12).

É ainda nesta condição pecaminosa, que o apóstolo Paulo des-

creve o homem que se encontra sem Deus:

«E como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detractores, aborrecedores de Deus, injuriado-

Pelo Pastor M. S. NEGRI

Presidente da Conferência do Sul do Brasil

res, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infieis nos contractos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; os quais conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem» (Romanos 1:28-32).

COMO NOS LIBERTAREMOS DA MORTE

O apóstolo falava não só da morte presente, à qual todos nós estamos sujeitos, mas também da segunda morte, da morte eterna que está reservada aos injustos.

Consideremos, prezados irmãos, a seguinte verdade: se esta morte, que testemunhamos todos os dias é, de certo, motivo para apreensões, para tristezas para lutos — que será a segunda morte, que vai privar os injustos da vida eterna, precisamente dessa vida pela qual todos os homens suspiram?...

Como será terrível saber-se que se vai morrer, para nunca mais viver!...

Todos nós desejamos tornar a viver, ainda que tenhamos de ficar, durante mais ou menos tempo, na sepultura. Todos nós esperamos receber esta bemaventurada esperança da vida eterna.

Lembremos a crucial pergunta de Job (14:14): «Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?». E a sua própria resposta no capítulo 19:25-27: «Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e por isso os meus rins se consomem dentro de mim».

Vejamos como é que o homem perdido pelo pecado e condenado à morte eterna, pode vir a ser reabilitado e ter a bemaventurada esperança de uma nova vida sem morte, para então poder viver eternamente. Lemos no capítulo 2 da Epístola aos Efésios: «Mas Deus que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor, com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos...) para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco, em Cristo Jesus, porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus... Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo, chegastes perto... Assim que já não sois forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus» (versículos 4, 5, 7, 8, 13, 19).

Agora, já poderemos entender melhor o passo de Romanos 6:23: «Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor».

Também poderemos entender as palavras de Jesus quando diz: «Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá. Crês tu isto?» (João 11:25,26).

E isto foi possível, Irmãos e Irmãs, porque Deus nos amou de tal modo, que deu o seu único e dilecto Filho, para que acreditando n'Ele não pereçamos, mas tenhamos a vida eterna.

NÃO HÁ OUTRO SALVADOR

Sim, prezados Irmãos! É só mediante o nosso amoroso Jesus, o Filho do Altíssimo, que poderemos ser salvos.

É assim que o apóstolo Paulo continua a exclamar e a dar testemunho: «Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito» (Romanos 8:1). «Eis aqui vos digo um mistério: na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta, porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados; e quando isto, que é corruptível, se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: tragada foi a morte na vitória. Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei; mas graças a Deus que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo» (I Coríntios, 15:51, 52, 54, 56, 57).

E foi, precisamente, por causa disto, que Pedro e João num acto de coragem não recearam confessar a sua fé em Jesus, como Salvador dos homens, na presença dos sacerdotes, dos principais e dos escribas dos Judeus, quando lhes disseram claramente: «E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos» (Actos 4:12).

Sim! Pedro e João pretenderam dizer, e disseram, exactamente, o que aquelas palavras dizem: que Jesus é o nosso único Salvador.

Lemos o seguinte no «Desejado de Todas as Nações»:

«Através da idolatria, Satanás tem conseguido desviar os homens do verdadeiro Deus; alcançou, porém, o seu maior triunfo, pervertendo a fé de Israel. Mediante a contemplação e a adoração das suas próprias concepções e obras, o paganismo perdeu o conhecimento de Deus e corrompeu-se cada vez mais. Assim aconteceu com Israel. O princípio de que o homem se pode salvar pelas suas próprias obras é a base de todas as religiões pagãs; também se tornou o princípio da religião judaica... O pecado tornou-se uma ciência, e o vício foi consagrado como uma parte da religião».

«O perdão dos pecados só se pode obter através dos merecimentos de Jesus. A nenhum homem, nem a nenhum corpo de homens foi dado o poder de libertar a alma da condenação. Jesus encarregou os discípulos de pregarem o perdão dos pecados em Seu nome, entre todas as nações... O nome de Jesus é o único nome dado entre os homens, pelo qual podemos ser salvos».

Também na «Vereda para Cristo» lemos o seguinte:

«Ninguém à excepção do Filho de Deus poderia realizar a nossa redenção; porque só Jesus, que esteve no seio do Pai, é que poderia mostrar-no-lo. Só Jesus, que conhece a altura e a profundidade do amor de Deus é que n'elas poderia manifestar. Nada, absolutamente, nada, a não ser o sacrifício infinito de Jesus, efectuado a favor do homem caído, poderia expressar o amor do Pai para com a pobre e perdida humanidade.

Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito. Deus deu-lhe o Seu amado Filho não só para que vivesse entre os homens, mas também para que satisfizesse pelos pecados da huma-

nidade e para que morresse em vez deles. Deus deu à humanidade o Seu amado Filho para se identificar com a raça decaída. Por isso Jesus se identificou com os interesses e com as necessidades da humanidade. Aquele que era uno com o Pai, ligou-se também com os filhos dos homens mediante laços que jamais poderão quebrar-se. Jesus não se envergonhou de lhes chamar irmãos. É o nosso Sacrifício, o nosso Advogado, o nosso Irmão, ostentando a nossa forma humana diante do trono de Deus e através da eternidade, em união com a raça que Ele remiu, — é bem o Filho do homem. E foi só assim que o homem pôde emergir das ruínas e da degradação do pecado, para poder reflectir o amor de Deus, e finalmente mostrar a alegria da santidade.

O preço pago pela nossa redenção, o infinito sacrificio do nosso Pai celestial, dando o Seu Filho para morrer por nós, devem fornecer-nos elevados conceitos sobre aquilo que poderemos vir a ser mediante a intervenção de Jesus.

Como o inspirado apóstolo João contemplou a altura, a profundidade e a largura do amor de Deus para com a raça perdida, assim se pôde encher de profundos sentimentos de adoração e de reverência; e não podendo encontrar uma linguagem exacta para exprimir a grandeza e a ternura deste amor, chamou a atenção de todos para o contemplarem. «Vêde quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus» (I João 3:1).

Que expressão tão valiosa para o homem! Pela transgressão, os filhos do homem tornaram-se presa de Satanás. Mas através da fé no sacrificio de Jesus os filhos de Adão tornaram-se filhos de Deus. Assumindo a natureza humana, Jesus Cristo elevou a humanidade. Os homens decaídos foram colocados onde, através da união com Jesus, podem, verdadeiramente tornar-se dignos do nome de 'filhos de Deus' — *Vereda para Cristo.*

É JESUS O NOSSO SALVADOR?

Poderemos perguntar a nós mesmos: — «amamos realmente a Jesus? É Jesus o nosso Salvador real. Sentimos, efectivamente, que vivemos n'Ele e que Ele vive em nós?»

A Sua morte e salvação não seriam de nenhum valor para nós, se na nossa vida, não vivermos com Jesus e para Jesus.

O fardo mais pesado que transportamos nesta vida é o do pecado, mas Jesus está pronto a tirá-lo dos nossos ombros cansados e a dar-nos alívio. Efectivamente, o nosso amoroso Salvador convidava-nos a colocar n'Ele todas as nossas ansiedades e a termos a firme certeza de que Ele é o nosso Salvador.

Por que não aceitamos Jesus como nosso Salvador pessoal? Por que não deporemos as nossas preocupações a seus pés?

Talvez nos pareça que o fardo da vida é excessivamente pesado e que não somos capazes de o levar mais longe.

Por que não colocaremos a nossa vida nos braços de Jesus, ficando junto d'Ele e vivendo a

bemaventurada esperança de uma nova vida com o nosso Salvador?

Temos necessidade de nos lembrarmos de que Jesus é o nosso único Salvador e de que só n'Ele é que poderemos encontrar a nossa eterna felicidade.

Durante esta Semana de Oração, necessitamos de estar mais perto de Jesus, nosso Salvador. Em cada dia que passa, Jesus deseja estar connosco. Por isso temos necessidade de sentir verdadeiramente que é Ele o nosso Salvador. Necessitamos de possuir esta certeza, esta fé. Temos necessidade de acreditar de que não há salvação em mais nada, nem em mais ninguém, do que em Jesus.

À medida que vamos caminhando para um novo ano nesta jornada da nossa vida, iremos sempre encontrando novas provações, novas dificuldades, longas caminhadas e pesadas cargas. O caminho pode parecer-nos longo e difícil; as provas e as tentações parecer-nos-ão tão grandes, que chegaremos a pensar que não seremos capazes de avançar e que estaremos destinados a sucumbir.

Mas, prezados Irmãos! Lembremo-nos de que o nosso Salvador está ao nosso lado. Jesus percorreu

o mesmo caminho e prometeu-nos ir connosco até o fim, para nos ajudar a transportar, também, a nossa carga.

Sigamos a Jesus, fielmente, até o fim, olhando sempre para Ele, e então, como os seus servos da antiguidade, também nós estaremos aptos a apresentar a nossa experiência pessoal.

«Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor». (Romanos 8:35, 38, 39). «E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos» (Actos 4:12).

Sim, Irmãos! A nossa vitória está garantida no nosso Salvador. A nossa vida está em Jesus — uma vida abundante, aqui, e a vida eterna no seu glorioso reino. Amén.

(Leitura para Segunda-feira, 9 de Novembro de 1959)

«... Não viverás só de pão...»

«E te lembrarás de todo o caminho, pelo qual o Senhor te guiou no deserto estes quarenta anos... para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem» (Deuteronomio 8:2,3).

No jardim do Eden, Deus havia indicado os alimentos que seriam necessários para a vida e também tinha proibido aquilo que não deveria ter sido comido. Tratava-se de uma simples prova de obediência — um simples requisito que o

Pelo Pastor H. S. LEUNG

Ministro e Membro do Comité Executivo do Borneo do Norte

homem deveria cumprir, demonstrando, assim, a sua obediência.

Adão, porém, desobedeceu, constituindo-se, desde então na triste condição de pecador e, por isso mesmo, sujeito ao castigo, à morte.

Por causa da «cobiça da carne» é muito fácil ao homem não só delectar-se indevidamente perante a atracção da comida, como também

deixar-se arrastar pelas doutrinas filosóficas humanas, desprezando, assim, a palavra da verdade e da vida que procede da boca de Deus.

Desprezando a palavra de Deus, como fizeram Adão e Eva, no Eden, o homem escolhe a posição de se ater ao seu próprio julgamento sobre aquilo que é essencial para a vida, para a verdadeira e única vida. E é assim, que para a sua própria perdição, acaba por escolher aquilo que ele pensara que «era bom para comer», «o que era agradável aos olhos» e o que julgara «que era sensato e pru-

dente», acabando, porém, para a sua eterna desgraça, na morte.

Também ainda hoje poucos são os que seguem a fidelidade de Noé, que «divinamente avisado das coisas que ainda se não viam, temeu, e para salvação de sua família» (Heb. 11:7).

Depois do Dilúvio, «Deus falou a Noé e a seus filhos com ele, dizendo: e eis que Eu estabeleço o meu concerto convosco e com a vossa semente, depois de vós... que não será mais destruída toda a carne pelas águas do dilúvio; e que não haverá mais dilúvio para destruir a terra» (Gênesis 9:8-11).

E, por isso, o arco que aparece nas nuvens depois da chuva passou a ser um sinal.

Mas os homens tornaram-se incrédulos, esquecendo-se de Deus, e disseram: «Eia, edificaremos uma cidade e uma torre, cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra» (Gênesis 11:4).

Seguindo os seus próprios projectos para se defenderem, resolveram construir uma cidade, e também uma torre, pela qual pudessem chegar ao céu.

Da mesma maneira, através dos séculos, todos aqueles que têm ouvido a palavra de Deus, mas que se têm recusado a aceitá-la, têm, igualmente, procurado construir cidades e torres de desafio a Deus, pensando que com o desprezo da palavra de Deus, serão capazes de encontrar a felicidade pela qual anseiam e a plenitude da vida, que sentem fugir-lhes.

Na controvérsia entre o bem e o mal, o inimigo emprega todas as maneiras de atractivos e de pressões para acorrentar os filhos de Deus. Mas se eles conservarem a palavra de Deus nos seus corações, em todo o tempo e em todas as circunstâncias das suas vidas, tomando sobre si mesmos a armadura de Deus, então «poderão resistir no dia mau, e havendo feito tudo, ficarão firmes» (Efésios 6:13).

Nabucodonozor, seguindo a sua própria vontade, reuniu todos os oficiais do seu reino «para que viessem à consagração da estátua

que ele tinha levantado» (Daniel 3:2).

Tratava-se de uma cerimónia importantíssima de carácter oficial, a que ninguém poderia faltar. O plano de Satanás era fatal, absolutamente claro. Pensou que dispondo de todo o poder do país, naquela cerimónia idólatra, teria, necessariamente, nas mãos, os três jovens Hebreus. Efectivamente, tendo-se realizado a cerimónia oficial com toda a pompa, chegou às mãos do rei o seguinte relatório: «Há uns homens Judeus que tu constituíste sobre os negócios da província de Babilónia: Sadrach, Mesach e Abed-Nego: estes homens, ó rei não fizeram caso de ti; a teus deuses não servem, nem a estátua de ouro, que levantaste, adoraram» (Daniel 3:12). O rei, embora enfurecido, ainda ponderou e perguntou-lhes: «É de propósito, ó Sadrach, Mesach e Abed-Nego, que vós não servis a meus deuses, nem adorais e estátua de ouro que levantei? Agora, pois, se estais prontos, quando ouvirdes o som... de toda a sorte de música, para vos prostardes e adorardes a estátua, que fiz, bem é; mas se a não adorardes, sereis lançados na mesma hora, dentro do fogo de forno ardente; e quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?» (Daniel 3:14,15).

Perante uma ordem desta natureza, se aqueles jovens não tivessem a sua fé bem firme, seria fácil que caissem, à vista do horror da morte que os aguardava.

Ocupavam uma brilhante posição naquele reino, cheios de fama e de influência; mas também sabiam que o primeiro e máximo dever do homem é o de ser fiel ao seu Deus, mesmo à custa da própria vida. A palavra de Deus está acima de tudo. Bem sabiam que desde que se mantivessem firmes na palavra de Deus, nada temeriam. A sua fé não se deixou influenciar pela autoridade do rei, mas responderam sem nenhuma hesitação: «Ó rei Nabucodonozor! Não necessitamos de te responder sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; Ele nos livrará do forno de fogo ardente, e da

tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro, que levantaste» (Daniel 3:16-18).

E, finalmente, Nabucodonozor teve de reconhecer que só Deus deve ser adorado. «Então o rei fez prosperar a Sadrach, a Mesach e Abed-Nego, na província de Babilónia» (Daniel 3:30).

E deste modo aqueles fiéis jovens tiveram vida «e tiveram-na com abundância» (João 10:10).

Durante os três anos de seca, nos dias de Elias, «Veio a ele a palavra do Senhor dizendo: Vai-te daqui, e vira-te para o Oriente, e esconde-te junto do ribeiro de Carith, que está diante do Jordão. E há-de ser que beberás do ribeiro; e eu tenho ordenado aos corvos que ali te sustentem» (I Reis 17:2-4). Mais tarde, «veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Zidon, e habita ali; eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente» (I Reis 17:8,9).

É certo que esta maneira de viver não é a normal, e também não é facilmente aceite pelo homem; mas para Elias era a palavra de Deus, e cumprindo-a Elias teve a vida salva.

Pensando os homens que têm sabedoria e inteligência, sentem que a palavra de Deus não se coaduna com os seus desejos e, por isso, dizem: «Nós comeremos do nosso pão, e nos vestiremos de nossos vestidos» (Isaías 4:1). E ainda: «Todos eles se tornam para o seu caminho, cada um para a sua ganância, cada um por sua parte» (Isaías 56:11).

Algumas vezes, por causa da sua curta vista, o homem deseja — como Jesus salienta numa das suas parábolas — deitar abaixo os celeiros velhos para construir outros maiores, para que possa armazenar as suas ricas colheitas e dizer à sua alma: «Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descança, come, bebe e folga». Pensando que pode viver largamente, não se lembra, sequer, do juízo de Deus que lhe dirá: «Louco, esta noite te pedirão a tua

alma». Aquele que deixa de fazer provisões para as suas necessidades espirituais, ouvirá do Senhor as seguintes palavras: «não é rico para com Deus» (Lucas 12:16-21).

Depois de haver sido baptizado «foi Jesus conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, teve fome. E chegando-se a ele o tentador disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães» (Mateus 4:1-3).

A realização de um milagre desta natureza estava, evidentemente, dentro do poder de Jesus; mais tarde o fez, para proveito de muita gente. Mas o Salvador não quis fazer um milagre só para desfazer a insinuação de que Ele não fosse o Filho de Deus. A fome que o atormentava reclamava pão, mas Jesus permaneceu na palavra de Deus. Não poderia esquecer-se da promessa de Deus e bem sabia que devia colocar toda a sua confiança em seu divino Pai. Para Jesus a comida consistia em fazer a vontade d'Aquele que o enviara, e concluir a sua obra (João 4:34). Não queria, de modo algum impedir o trabalho da salvação por causa de um pedaço de pão. Ele que «havia nascido sob a lei» viera «para remir os que estavam debaixo da lei» (Gálatas 4:4,5). «Com o sentimento das nossas enfermidades, como nós em tudo foi tentado, mas sem pecado» (Hebreus 4:15).

Por isso quando os homens estiverem esfomeados não têm o poder de transformar as pedras em pães. Para que Jesus fosse o Salvador da raça humana, era necessário que obtivesse a vitória sobre a tentação da posição mortal do homem. Como segundo Adão tinha de vencer, onde o primeiro Adão fora derrotado.

Em «O Desejado de todas as Nações» lemos:

«Quando Jesus disse ao tentador: «Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus», repetiu as palavras que, mais de mil e quatrocentos anos atrás, Ele dissera a Israel:

«O Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos... e te humilhou e te deixou passar fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram: para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem». No deserto, quando falhavam todos os meios de subsistência, Deus enviou ao seu povo, maná do céu; e foi-lhe dada suficiente e constante provisão. Essa providência visava a ensinar-lhes que, enquanto confiassem em Deus, e andassem nos seus caminhos, Ele não os abandonaria. O Salvador pôs agora em prática a lição que dera a Israel. Pela palavra de Deus fora prestado socorro às hostes hebraicas, e pela palavra seria ele concedido a Jesus. Aguardava o tempo designado por Deus, para O socorrer. Estava Jesus no deserto em obediência a Deus, e não obteria alimento por seguir as sugestões de Satanás. Perante todo o Universo, Jesus testificou que era menor desgraça sofrer fosse o que fosse, do que afastar-se de qualquer modo da vontade de Deus.

«Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus».

Muitas vezes o seguidor de Jesus é colocado em situações, em que não lhe é possível servir a Deus e continuar nos seus empreendimentos mundanos. Talvez pareça que a obediência a qualquer clara indicação da parte de Deus o privará dos meios de subsistência. Satanás quer fazer acreditar que deve sacrificar as convicções da sua consciência. Mas a única coisa no mundo, em que podemos repousar é a palavra de Deus. «Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas». Mesmo nesta vida não é proveitoso, para nós apartarmo-nos da vontade de nosso Pai do céu. Quando aprendermos o poder da Sua palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter o alimento ou para salvar a vida. A nossa única preocupação será então: Qual é o mandamento de Deus? Qual é a Sua promessa?

Sabendo isso, obedeceremos ao primeiro e confiaremos no segundo» (Pág. 85).

Na igreja apostólica os seguidores de Jesus souberam por experiência o que significa confiar absolutamente na palavra de Deus, no tempo dá perseguição. Nos Actos dos Apóstolos, lemos:

«Os discípulos não se deixaram intimidar nem se desencorajaram com este tratamento. O Espírito Santo trouxe-lhes à mente as palavras de Jesus: «O servo não é maior que o seu senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa...» «Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar, cuidará fazer um serviço a Deus» (João 15:20; 16:2).

«Na história dos profetas e dos apóstolos, encontram-se muitos nobres exemplos de lealdade para com Deus. As testemunhas de Jesus sofreram a prisão, a tortura e até a morte, antes que quebrar os mandamentos de Deus. A lembrança que nos deixaram Pedro e João é, de facto, heróica. Quando compareceram, pela segunda vez perante os homens que tramavam as suas mortes, não somos capazes de encontrar os mais pequenos vestígios de receio ou de hesitação, nas suas palavras ou atitude. E quando o sumo sacerdote lhes disse: «Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem? Porém respondendo Pedro e os apóstolos disseram: «Mais importa obedecer a Deus do que aos homens» (Actos 5:28,29 — Págs. 79, 81 e 82).

«Nestes últimos dias o evangelho eterno está sendo levado a todas as nações, chamando os homens a «adorar Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas» (Apocalipse 14:7).

Relacionada com este acontecimento encontramos a advertência a Babilónia e às suas apostasias e o chamamento: «Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos

seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas. Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela... Quanto ela se glorificou e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e de pranto» (Apocalipse 18:4-7).

Babilónia não é necessariamente uma estrutura visível; mas temos de saber que o seu espírito não deve estar nos nossos corações.

O Evangelho Eterno está-nos chamando para «temer a Deus e dar-Lhe glória, tal como na antiguidade o Seu povo, com linguagem semelhante era chamado a «Temer a Deus e a guardar os Seus mandamentos: porque este é o dever de todo o homem» (Eclesiastes 12:13).

Ácerca da Igreja Remanescente é dito: «Aqui estão os que guardam os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus» (Apoc. 14:12).

A guarda dos Mandamentos inclui, evidentemente, a do 4.º Mandamento. Deixando de guardar o Sábado do 4.º Mandamento, que comemora a criação, deixa-se, conseqüentemente, de adorar Aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas. Os que desprezam a Palavra de Deus na sua integridade estão-se preparando para se deixarem arrastar pelos erros de Babilónia. Um conceito erróneo raramente revela a sua verdadeira aparência, e é isto, precisamente, o que convém a Satanás.

É um facto largamente ignorado, ainda que não deixe de haver sempre perigo nisso, que o erro raramente aparece como aquilo que realmente é. É misturando-se com a verdade ou apegando-se a ela, que consegue ser aceito. O comer da árvore da ciência do bem e do mal causou a ruína dos nossos primeiros pais, e aceitação da mistura do bem e do mal é hoje a ruína de muitos homens e de muitas mulheres. O espírito que confia no juízo de outrem, mais cedo ou mais tarde será decerto transviado.

A capacidade de discriminar entre o que é recto e o que não o é, podemos possuí-la unicamente

pela confiança individual em Deus. Cada um deve aprender por si, com o auxílio de Deus, mediante a Sua Palavra. A nossa capacidade de raciocinar foi-nos dada para que a usemos, e Deus quer que a exercitemos. «Vinde, então, e argui-me» (Isaías 1:18). Deus convida-nos a raciocinar. Confiando n'Ele poderemos ter sabedoria para «rejeitar o mal e escolher o bem» (S. Tiago 1:5; Isaías 7:15). (*Educação*, pág. 231).

A verdade que «o homem não viverá só de pão» torna-se cada vez mais importante. O poder que pretende obrigar a adorar a besta e a sua imagem e a que os homens recebam a imagem da besta vai dentro de pouco tempo exercer pressão sobre o povo de Deus. Bem depressa vai ser decretado que «ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal ou o nome da besta, ou o número do seu nome» (Apoc. 13:17).

Nesta altura os santos terão de viver da palavra que sai da boca de Deus. Será, evidentemente, uma atitude totalmente oposta à da maioria dos homens, nos últimos dias.

«As massas populares desviam os seus ouvidos da verdade e voltam-nos para as fábulas. O apóstolo Paulo declarou, olhando para os últimos dias: «Virá o tempo, em que não sofrerão a sã doutrina» (2 Tim. 4:3). Pois esse tempo a que se refere o apóstolo, já chegou. As multidões não desejam a verdade da Bíblia, porque essa verdade opõe-se aos seus desejos pecaminosos, ao seu amor para com o mundo; e Satanás fornece-lhes todos os enganos que as multidões tanto amam.

«Mas Deus terá um povo na terra para manter a Bíblia e só a Bíblia, como norma de todas as doutrinas, e como base de todas as reformas. As opiniões dos sábios, as deduções da ciência, os credos ou decisões e concílios eclesiásticos... a voz da maioria — nada disto se poderá considerar como norma de fé. Antes de se aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos perguntar se é

assim que o Senhor diz na sua Santa Palavra».

No conflito iminente, sim, no conflito que já se esboçou e que irá crescendo rapidamente, só as Sagradas Escrituras é que são a nossa salvaguarda.

A última grande ilusão vai aparecer, dentro em breve, perante os nossos olhos. O Anti-Cristo está para realizar a sua estranha obra à nossa vista. De tal modo ele imitará a verdade, que esta só se poderá descobrir à luz da Sagrada Escritura. Será pelo testemunho da Palavra Divina que deveremos provar todo o milagre e todas as afirmações que se fizerem». (*O Conflito dos Séculos*, págs. 594, 595).

Nunca, como nos nossos dias tem o povo de Deus a necessidade de compreender e de viver a grande verdade de que «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra de Deus. Corremos o perigo de negligenciar a Palavra de Deus e de perdemos, assim, a vida eterna.

Só permanecerão de pé nas provas finais, aqueles que tiverem gravadas a Palavra de Deus nos seus corações.

«Quando chegar o tempo da prova, revelar-se-ão aqueles que fizeram da Palavra de Deus a regra da sua vida. No Verão não há diferenças apreciáveis entre as ervas verdes e as outras árvores; mas quando sopram no Inverno as rajadas de vento, as ervas verdes ficam na mesma, ao passo que as árvores ficam despidas das suas folhas.

Assim também agora os falsos professos cristãos não se distinguem dos verdadeiros cristãos; mas lá virá o tempo, em que se manifestarão na sua realidade. Assim que surgir a oposição, assim que a intolerância e o fanatismo se manifestarem, assim que se desencadear a perseguição, — imediatamente se manifestará a diferença entre os verdadeiros cristãos e os falsos; então o verdadeiro cristão permanecerá firme como uma rocha, sempre mais forte na sua fé, mais fervoroso na sua esperança, do que nos dias da prosperidade».

(O *Conflito dos Séculos*. pág. 602).

«No último grande conflito da controvérsia com Satanás, os que são leais a Deus ficarão desprovidos de todos os recursos terrenos. Uma vez que recusam quebrar a Lei de Deus para não obedecerem

aos poderes terrenos, ver-se-ão privados de comprar ou vender. Finalmente, será decretado, que sejam mortos. Veja-se Apocalipse 13:11-17. Mas recordemos também as promessas feitas ao crente fiel: «Habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu

alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas» (Isaías 33:16). Por esta promessa, os filhos de Deus terão a vida plenamente assegurada. (O *Desejado* de todas as Nações, pág. 121, 122).

(Leitura para Terça-feira, 10 de Novembro de 1959)

«Pelo que respeita a Mim e à Minha Casa»

Na nossa era dos andares alugados, a centelha do culto em família parece ter sido abafada pelas cinzas frias e mortas das ocupações e do prazer. Mas como os modelos de honra e fidelidade se tornam uma recordação obscurecida nos espíritos dos outros homens, nós que somos seguidores de Jesus precisamos, mais do que nunca de vir a ser «reparadores das roturas, restauradores das veredas para morar».

Há alguns anos foi feito um inquérito sobre o número de lares que praticavam o culto em família, através de um questionário enviado aos membros de umas 150 congregações típicas da Igreja Luterana, instituição que é geralmente tida por manter um interesse mais acentuado nas orações em família. Os números foram obtidos numa larga secção de congregações em várias partes do país: de igrejas americanas e de grupos de língua estrangeira, de igrejas estabelecidas há muito, assim como de capelas missionárias e postos de pregação. A primeira pergunta feita era: «Pratica a oração familiar em sua casa?» Dos milhares que deram informações, 60 por cento confessaram que a Bíblia não era lida com regularidade no seio da família e que as orações em família nunca eram rezadas em suas casas. Outro facto demonstra que esta é uma média muito elevada. Por exemplo, num inquérito sobre a oração realizado por uma federação de igrejas em Long Island

uma grande parte dos que foram interrogados confessaram que rezavam em conjunto «uma vez ou menos por dia».

Enquanto nós, que somos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, veríamos esta indiferença como uma indicação da degenerescência da nossa época como prevista na Bíblia, surpreende-nos encontrar muitas pessoas responsáveis, não dentro das nossas fileiras, graças a Deus, que concordam com

Pelo Pastor LOUIS B. REYNOLDS
Director de The Message Magazine

a opinião de *The Wall Street Journal* que já em 1921 declarava: «O que a América precisa... é uma revivescência de religiosidade, do género que a Mãe e o Pai costumavam ter, religiosidade que achava vantajoso parar para as orações familiares antes do almoço mesmo no meio dos trabalhos do campo, que largava o trabalho meia hora mais cedo na quinta-feira à noite para ter os trabalhos terminados e reunir-se em oração. Isto é o que nós precisamos para libertar este país de esbanjamentos e avarezas, de insignificâncias e de grandeza, da adoração de casas boas e de terras extensas, de situações elevadas e de festas grandiosas».

John G. Paton, missionário nas ilhas dos Mares do Sul, narrou as bênçãos que recebeu através do

hábito paterno da oração em família, na cabana de colmo a que ele chamava casa. Na sua biografia (John G. Paton, *Missionary to the New Hebrides*, uma auto-biografia, págs. 20, 21) há uma referência a isso: «E assim começou... aquele abençoado costume da oração em família, de manhã e à tarde, que meu pai praticou provavelmente sem uma única falha até jazer no seu leito mortuário, com setenta e sete anos de idade; quando, mesmo até o último dia da sua vida, foi lido um passo das Escrituras, e foi ouvida a sua voz juntar-se às outras suavemente no Salmô, e os seus lábios sussurraram a oração da manhã e da tarde, — descendo em doce bênção nas cabeças de todos os seus filhos, muitos deles bem afastados por todo esse mundo, mas todos encontrando-se com ele no Trono da Graça. Assim, nenhum de nós se recorda que se tivesse passado um dia que fosse profano; nenhuma pressa para o mercado, nenhuma precipitação para as ocupações, nenhuma chegada de amigos ou convidados, nenhuma desgraça ou aflicção, nenhuma alegria ou agitação, evitou que pelo menos nos ajoelhássemos à volta do altar da família, enquanto o Sumo Sacerdote elevasse as nossas orações para Deus, e aí se ofertasse a si e aos seus filhos. E a luz de tal exemplo era abençoada para os outros assim como para nós próprios!»

Pode dizer-se que os primeiros capítulos da história de muitas

empresas missionárias foram escritos no altar da família. Por detrás de Bartholomew Zeigenbalg, o primeiro missionário protestante junto das multidões da Índia, estava a súplica de sua mãe, que no seu leito de morte, pronunciando a oração habitual com o seu filho, lhe colocou a Bíblia nas mãos. As petições de pais cristãos em defesa de Christian Frederick Schwartz, mais tarde embaixador na Índia, desviou-o do largo caminho do pecado. Foi o lar piedoso e cristão de Andrew Murray na África do Sul que trouxe outra notável contribuição para a causa do ministério cristão. Ele criou onze filhos. Cinco dos seis filhos vieram a ser ministros, e das cinco filhas, quatro casaram com ministros. Da geração seguinte, vinte e três dos netos de Andrew Murray vieram a ser ministros de congregações ou missionários em países estrangeiros. A intercessão do Dr. John Scuder e de sua esposa surgiu na Índia, suplicando a Deus que os seus filhos e filhas pudessem ser «não só cristãos, meu Deus, mas todos missionários, se essa for a Vossa vontade». Com a excepção de um filho, que morreu enquanto frequentava a Universidade, todos os filhos regressaram para as missões no estrangeiro. Na verdade, esta família invulgar produziu, em três gerações, aproximadamente, quarenta missionários. Quando foi pedida uma explicação, deste notável zelo missionário ao Dr. Scuder, este respondeu: «A única explicação que posso dar é a de que os filhos foram industriados por sua mãe no Reino, através da oração. Ela estava habituada a passar o dia do aniversário de cada filho em oração permanente por ele. E Deus respondeu às suas orações».

O comentário mais conhecido escrito em língua inglesa é *Matthew Henry's*. Essa explicação do Velho e Novo Testamento nasceu no altar da família. Conta-se do pai de Matthew Henry, Philip Henry, o seguinte: «Ele e a esposa rezavam constantemente juntos, de manhã e à tarde. Tomou ele consciência do culto em família e possuía-o em abundância. Disse

para os filhos e para os amigos: 'Tende a certeza de cuidar do vosso dever sagrado; mantende isso aconteça o que acontecer; não se pode prosperar com a sua omissão. A apostasia começa geralmente à porta do quarto». Ao mesmo tempo que o pai lia e explicava as Escrituras, dia após dia, o seu filho Matthew e os outros do círculo do altar da família registavam as suas interpretações, e estas notas formaram a base do comentário que tem sido mais largamente distribuído do que qualquer outra exposição inglesa das Escrituras.

Com o altar da família irradiando tais bênçãos, é uma das maiores tragédias da vida moderna que o seu poder mantenedor seja descurado. Muitos Adventistas do Sétimo Dia mostram, infelizmente, menos interesse nestas devoções do que os crentes perseguidos nos dias em que a leitura da Bíblia era punida por heresia.

A mensageira do Senhor apresenta razões convincentes pelas quais nós teremos que rever o nosso pensamento sobre este assunto: «A religião no lar está horrivelmente descuidada. Os homens e as mulheres mostram muito interesse nas missões do estrangeiro. Dão para elas com liberalidade e assim procuram satisfazer as suas consciências, pensando que dando para a causa da vontade de Deus reparam o seu descuido em mostrar um verdadeiro exemplo no lar. Mas o lar é o seu campo específico, e nenhuma desculpa é aceitável por Deus por descuidar-se deste campo» — *Signs of the Times*, August 23, 1899.

O questionário a que se fez já referência antecipadamente, também perguntava: «Se não tem oração em família, por favor diga-nos a razão de tal facto». A resposta predominante a isto foi, com efeito: «Não temos nenhuma ocasião em que todos se possam juntar para este fim». Na precipitação que domina muitas das nossas casas o elemento tempo é um factor vital. De manhã, a luta diária que precede a partida apressada de casa dificilmente deixa tempo para o culto em família, organizado.

E quando o último membro da família tem regressado, pela tardinha, alguns dos outros estão já atarefados com as preparações dos deveres e lazeres da noite.

Perante estes obstáculos é necessário, primeiro que tudo, reservar um lugar para a oração em família. Uma vez que a leitura de um passo da Escritura, a oração, e talvez algumas estâncias de um hino preferido, requerem apenas seis ou oito minutos no máximo, poucas casas, apesar de atarefadas e complicadas, não poderão dispor desse tempo. Se não se apresentar outra solução, os membros da família podem, pelo menos, levantar-se dez minutos mais cedo todas as manhãs. E à noite a ocasião mais própria seria sem dúvida imediatamente a seguir ao jantar. Se avaliarmos como deveria ser continua a nossa gratidão para com Deus, estaríamos prontos a aceitar qualquer pequeno inconveniente que isso pudesse implicar.

A senhora Elias Compton, Mãe Americana para 1939, declarou ao público da *National Broadcasting Company's Red Network*: «As pessoas dizem muitas vezes que não conseguem arranjar tempo de manhã para as orações em família. Nós solucionamos esse problema levantando-nos alguns minutos mais cedo para começar o dia como deve ser, com acções de graças. Só por razões excepcionais ou doença é que a família deixa de se reunir para as refeições ou para a oração. Nestes momentos em que ajoelhamos juntos, orando com todos e por cada um, — pelos amigos, pela nossa Pátria e pelo mundo, — qualquer coisa se fundiu no mais íntimo do nosso ser, que se tem mantido como influência duradoira em cada um de nós. Estes momentos criaram um elo de camaradagem e um sentimento de interdependência que existe hoje, embora mesmo milhares de milhas possam separar-nos».

Aqui vai o nosso mais veemente apelo para que, especialmente nos lares estabelecidos há pouco, o marido e a mulher, comprometidos juntamente «no melhor e no pior»

encontrem tempo para Jesus — momento total, reverente e apreciativo, mesmo quando os cuidados da casa e as ocupações parecem encher completamente a agenda de cada dia para além da sua capacidade — e eles próprios se asseguram das bênçãos perpétuas e da companhia d'Aquele que deve ser o primeiro em todos os casamentos essencialmente felizes.

Deveria haver tempo também para os poucos segundos necessários para pedir a bênção de Deus para a nossa refeição. É muitas vezes quase uma catástrofe quebrar com o nosso pensamento mecânico e fazer-nos ver que «os olhos de todos esperam em ti, e tu lhes dás o seu mantimento a seu tempo. Abres a tua mão e satisfazes os desejos de todos os viventes». (Salmo 145:15, 16). A acção de graças às refeições, onde quer que estejamos, é um santo privilégio.

É não devíamos pedir desculpa pela oração em família. Quando as visitas são recebidas no seio da família, é uma contradição da nossa profissão omitir as orações. Henry Clay foi forçado uma vez a passar a noite numa casita de madeira em Kentucky. Embora o dono se recolhesse habitualmente em oração tanto de manhã como à noite, a presença do distinto orador enervou-o. Por fim, quando já as crianças cheias de sono se tornavam impacientes e Clay tinha recusado o convite para recolher aos seus aposentos, o rude Kentuckiano, impellido pelos gestos de sua esposa, esclareceu que era seu costume fazer orações em família e que Clay podia juntar-se-lhes ou retirar-se para o seu quarto. O estadista respondeu que preferiria participar nelas a não ser que isso fosse visto como uma intrusão. Depois do pai ter concluído com muito embaraço a leitura da Escritura e as orações, Clay amigavelmente disse-lhe: «Meu caro senhor, nunca mais sinta a menor hesitação no cumprimento do seu dever para com Deus por causa da presença de alguém. Eu notei o seu embaraço e permaneci aqui de propósito para que não o possa sentir

de novo. Lembre-se que qualquer pessoa de razão respeitará o indivíduo que não se envergonha de reconhecer a sua dependência perante o seu Criador; e merece só desprezo quem alimentar quaisquer outros sentimentos além da reverência pela 'hora consagrada do homem em audiência com a Divindade'. Eu preferiria saber que as orações de um homem piedoso, não importando quão humilde fosse a sua situação na vida, estavam a elevar-se em meu nome, do que escutar os maiores aplausos de Senadores atentos».

Não é necessária uma habilidade excepcional, nem preparação técnica para exprimir a sinceridade da oração do lar. Para benefício especialmente dos jovens que estão a examinar esta experiência com o conhecimento de um lar que nunca avaliou inteiramente as bênçãos do altar da família, oferecem-se as seguintes sugestões práticas.

1) Ter em conta que cada devoção envolva, pelo menos, a leitura de um passo da Escritura, uma oração por um dos membros da família e possivelmente a oração do Senhor em uníssono. Se a ocasião e as circunstâncias o permitirem, deveriam cantar-se alguns versículos do hinário.

2) A leitura da Escritura deve ser feita em relação com a lição da escola Sabatina, que para algumas famílias é mais conveniente como parte da adoração da tarde. Os exercícios de devoção da manhã devem incluir a leitura do texto e comentários da Devoção Matinal no livro anual de devoções que para 1959 foi a compilação dos escritos da Irmã White, «A fé pela qual eu vivo».

Básico em todas as orações devia ser o pedido de perdão dos pecados e a gratidão pela graça redentora de Jesus. A oração espontânea do coração do pai ou da mãe, mencionando as necessidades especiais e individuais da família e acentuando aquilo que os sobrecarrega na vida familiar, são de certo especialmente benefi-

cas, mas para alguns as orações mais difíceis de todos.

3) O serviço de adoração deveria ir ao encontro do entendimento e das necessidades dos membros mais jovens da família.

Que nenhum jovem, marido ou esposa insista que, porque a oração em família foi descuidada durante toda a sua vida anterior, é muito tarde para a introduzir depois do casamento. É plano definido por Deus que as nossas casas deveriam ser locais onde os anjos pudessem morar, onde os nossos filhos deviam aprender a piedade e a reverência. E em que medida pode ser mostrado este fervor religioso mais directa e poderosamente do que na efusão sincera dos corações agitados pela dor ou pela alegria nas orações e pedidos comuns da família?

A avalanche dos desentendimentos domésticos que começa insignificamente por qualquer acto minúsculo e egoísta e depressa alcança proporções devastadoras pode ser evitada só pela sinceridade da resolução que renova a promessa de Josué, «porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor» (Josué 24:15). Um lar construído sobre esta resolução pode ser sacudido pelas tempestades do desemprego, da doença, do sofrimento e da morte. Mas possuirá uma paz que o mundo complacente não conhece, pois possuirá Jesus. As suas paredes podem presenciar algumas das tragédias originadas pela sobrevivência do egoísmo. Mas a abnegação e a paciência triunfarão, pois Jesus santificará a relação do marido com a mulher e dos pais com os filhos. Nessa casa, os filhos e filhas elevando-se acima dos prazeres dos sentidos a uma vida mais plena, terão a base espiritual sobre a qual podem ser construídas as carreiras a alcançar. Esse lar, em poucas palavras, será um pilar de apoio para a igreja concluir o evangelho, será uma fortaleza de fé do Senhor Jesus, e um lugar onde a impressão espiritual pelo bem será marcada nos espíritos dos jovens, com uma nitidez inesquecível.

(Leitura para Quarta-feira, 11 de Novembro de 1959)

«PELO MEU ESPÍRITO»

Pelo Pastor W. E. MURRAY

Vice-Presidente da Conferência Geral

Uma das maravilhas geográficas do mundo antigo era o rio Nilo. A certa altura, em cada ano, as suas águas subiam até ao nível máximo de cheia, inundando as suas margens e espalhando-se pelas largas faixas do vale. Estas águas arrastavam grande quantidade de depósitos de lama que enriqueciam maravilhosamente o solo onde viviam milhares de pessoas.

Neste solo rico brotava uma luxuriante produção de plantas. Floresciam flores. Fornecia frutas e legumes para a alimentação de milhares de pessoas. Destes campos férteis saíam os alimentos para o homem e os animais. A lã das ovelhas que se alimentavam nas pastagens regadas pelo rio, assim como o algodão também cultivado nesse vale, eram as matérias primas para as necessidades de vestuário deste povo. O Nilo era a vida da nação. Durante mais de dois mil anos o homem andou intrigado sem saber da fonte das águas do Nilo. Durante muitos anos a chama da inspiração ardeu nos corações dos exploradores para encontrar a origem do Nilo Azul. Só nos últimos anos do século passado é que um célebre explorador descobriu o caminho serpenteante do Nilo Azul até ao Lago Vitória.

A dádiva do Espírito Santo tem sido uma grande bênção para os cristãos de todos os tempos. Ao contrário daqueles que recebiam as bênçãos do Nilo, que desconheciam por tanto tempo a origem do grande rio, a igreja conhecia com clareza a origem das suas grandes bênçãos. A função do Espírito foi tornada clara desde o início.

As últimas horas de Jesus antes da crucificação foram cheias de ansiedade para os discípulos do

Senhor. Tinha-os esclarecido que dentro de pouco tempo estaria morto. Eles bem sabiam o que tinha significado no passado quando um movimento era desprovido da direcção pessoal do seu chefe ou fundador. Tiveram medo de ficarem sózinhos. Recearam vir a ser «como ovelhas sem o seu pastor». Não tinham ainda recebido a promessa, «Não temais, pequeno rebanho; pois é satisfação para o vosso Pai oferecer-vos o reino». No tempo do Senhor, ser órfão era um estado muito infeliz em que se caía. Não existiam, naqueles tempos, as instituições para cuidar daqueles que não tinham pais como há hoje. Os discípulos tiveram medo de ficar «órfãos». A estes homens cheios de medo o Senhor disse, «Não se turbe o vosso coração», e, «não vos deixarei órfãos». Então Ele enfrentou a maior provação do seu ministério — a crucificação — e teve que assumir o pesado cargo de fortalecer a coragem e a fé dos discípulos desmaiados. O Senhor escolheu dois assuntos para levar até eles. Um deles foi o das moradas que Ele prepararia para o exército dos remidos gozarem por toda a eternidade, e o outro foi o ministério do Espírito Santo em nome deles, até que Ele regressasse. Estes dois assuntos têm continuado através de toda a história da Igreja a ser um auxílio e uma verdadeira inspiração espiritual.

Um dos mais interessantes sectores do trabalho do Espírito Santo vinha a ser a ênfase que Ele colocaria no trabalho e na mensagem de Jesus Cristo. No capítulo XVI do Evangelho de João estão registadas as palavras de Jesus: «Ele me glorificará, porque há-de receber do que é meu, e vô-lo há-de anunciar». A sua mensagem ia ser centrada em Jesus. Ele mostraria ao mundo e à igreja as glórias do Evangelho. Ele persuadiria os homens a aceitar a mensagem do

Evangelho. Uma das suas bênçãos mais valiosas seria a dádiva do arrependimento. «Ele convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo». Para convencer um pecador é uma maravilha da graça de Deus e a experiência através da qual todos têm que passar no seu caminho para o reino. Assim o Seu trabalho incluía a promoção da justiça entre aqueles que foram chamados para o reino. Uma das grandes e sérias mensagens de Deus é a de que nós nos apresentaremos todos para o julgamento de um Deus justo. Não há verdade de maior valor para o indivíduo. Caminhar todos os dias como aqueles que têm de prestar contas de todas as palavras e actos é um pensamento muito reparador. Jesus deu-nos abundante certeza da continuidade do ministério do Espírito. Ele permaneceria com os crentes «para sempre». Esta verdade é, realmente, uma certeza de vitória para a igreja. Sempre através dos tempos o Espírito tem estado presente para auxiliar e para fortalecer. Que alegria e paz não terá dado aos discípulos esta promessa!

Através do Espírito Santo a presença da Divindade devia estar finalmente associada com cada um dos crentes, pois o Verbo diz, «Nós entraremos nele, e moraremos nele». Nós, crentes em Jesus Cristo, devemos tornar-nos de tal modo identificados em espírito e em vida que pode dizer-se de nós que o Espírito habita em nós. «O Espírito Santo é o representante de Jesus Cristo mas despojado da personalidade humana, e dela independente. Embaraçado com a humanidade, Jesus não poderia estar em toda a parte, em pessoa. Era, portanto, do interesse deles que fosse para o Pai, e enviasse o Espírito como seu sucessor na terra... Pelo Espírito, o Salvador seria acessível a todos. Neste sentido estaria mais perto deles, do que se não subisse

ao alto» — O *Desejado de todas as Nações*.

Uma das lições mais grandiosas sobre o Espírito Santo foi ensinada ao povo de Deus numa das mais penosas das suas variadas experiências. Jesua e Zorobabel estavam encarregados da reconstrução do templo depois do regresso do cativo de Babilónia. Estavam a encontrar uma decidida oposição. A fria indiferença tinha-se aposado de uma boa maioria do povo. Os Judeus estavam interessados em reconstruir as suas casas em detrimento da construção do templo. No meio de todas estas circunstâncias proibitivas, o Senhor enviou-lhes uma mensagem pela boca de Zacarias, o profeta. Algumas das verdades mais valiosas da Bíblia apareceram nas circunstâncias mais difíceis do povo eleito. A mensagem de Zacarias aos chefes de Israel foi, «Não pela força, nem pela violência, mas pelo meu Espírito».

A impressão desta lição tem sido duradoira. Vezes sem conta os crentes têm-se lembrado destas palavras notáveis quando se sentiram desencorajados ou em necessidade. Todas as vezes que os chefes da Igreja cristã, através dos tempos, têm sido afrontados por barreiras aparentemente impossíveis no caminho da justiça, eles recordaram a frase, «pelo *Meu Espírito*». Dos lábios daqueles cuja coragem foi atemorizada, cujo espírito foi ferido, e cuja inspiração espiritual quase desaparecera, temos ouvido estas palavras bem alto nessas almas atribuladas com força para reedificar, refazer, e transformar. A lição que devemos aprender nestes últimos tempos é a de que o Espírito de Deus é o nosso Animador, Guia, e Força. O Espírito tem de se projectar em todas as experiências do Cristão. «Não pela força, nem pela violência, mas pelo meu espírito, diz o Senhor dos Exércitos». (Zac. 4:6).

A igreja hoje vive nos últimos tempos da história do mundo. A igreja representa hoje no mundo a mensagem do Evangelho em tempos de grande iniquidade. O

dever e o privilégio da igreja tem sido sempre, e será sempre, erguer o modelo contra o pecado e a injustiça. Este é um dever que só pode ser realizado pelo poder do Espírito Santo.

Nos nossos dias todo o crente deveria combater o mal sem quarterel. O apóstolo Paulo exorta: «Odeia o que é mal; agarra-te ao que é bom.» «Não sejas vencido pelo mal, mas vence o mal com o bem». O cristão que conhece os tempos em que vive, dará combate às forças do mal, pelo exemplo e pelo mandamento. Precisamos de orar como nunca para sermos capazes de distinguir o mal no mundo. O Espírito Santo é enviado para nos guiar para a verdade, conhecendo a verdade nós distinguiremos o que é o mal. O Espírito condena o pecado, e é inteiramente competente para nos dar o poder de distinguir o mal. De novo, nisto temos que compreender que a nossa vitória é «não pela força, nem pela violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.»

Os santos que estiverem vivos serão trasladados deste mundo para a presença de Deus quando o Senhor vier. «Segui a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor», é a prevenção do Livro dos Hebreus (12:14). A santidade é atingida através da santificação. «Deus elegeu-nos desde o princípio, para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade.» (2 Tes. 2:13).

«Que uma fé viva corra, como fios de ouro, através do cumprimento dos mais pequenos deveres. Se assim procedermos, todo o nosso trabalho quotidiano contribuirá para o crescimento da vida cristã. Será, então, uma visão contínua de Jesus. O amor por Jesus dará forças a tudo quanto emprendermos. Deste modo, mediante o emprego correcto dos nossos talentos, prender-nos-emos com uma cadeia de ouro, a um mundo mais alto. É esta a verdadeira santificação; porque a santificação consiste na realização dos deveres quotidianos, numa perfeita obediência à von-

tade de Deus». — *Christ's Object Lessons*, p. 360).

Desde o começo da nossa história como igreja temos reconhecido o convite de Deus para pregar o Evangelho de Jesus Cristo na sua plenitude a todo o mundo. Isto é uma tarefa assombrosa. A complexidade de culturas, os idiomas intrincados e complexos, e os regimes políticos no mundo, apresentam problemas especiais que parecem insuperáveis sob o ponto de vista humano. A necessidade de homens para chefia e os meios de apoio financeiro para esta vasta empresa nas suas maiores dimensões faz vacilar a imaginação. A imensa população do globo, bem espalhada até aos confins da terra, ergue-se firmemente atravessada numa estrada fácil para a realização. Pensa, caro leitor, nos dois biliões e 700 milhões de pessoas que habitam o globo! Pensa no aumento líquido anual de 30 a 35 milhões àqueles números! Milhões destes nunca ouviram nem leram o Evangelho!

Deus pela sua graça e misericórdia proporcionou aos Adventistas a realização de um progresso espantoso no estabelecimento de missões em todas as partes do mundo. Construíram-se igrejas e organizaram-se congregações em quase todos os países do mundo. Produziram-se obras em 24 línguas. Estabeleceram-se instituições de saúde e são equipadas com médicos e enfermeiras à volta do globo. Os ministros e missionários executam o seu trabalho em 707 línguas e dialectos. Membros da igreja por todo o mundo têm oferecido voluntária e generosamente os seus filhos e filhas para as tarefas deste grande movimento de progresso nos países do mundo. Orações — sérias, fervorosas, cheias de amor, incessantes — têm subido até Deus pedindo a sua bênção para este trabalho dilatado de um povo unido no santo propósito de terminar este trabalho designado pelo céu. Mas a tarefa não está concluída.

Segundo uma classificação das Nações Unidas, há 208 países e divisões políticas no nosso globo.

Os Adventistas do Sétimo Dia estão activos em 185 países, compreendendo 98 % da população do mundo. Há muitas populações em cada uma destas 185 divisões que ainda não foram alcançadas pela mensagem da Segunda Vinda. Um dos campos locais em que a nossa organização tem estado a trabalhar há mais de sessenta anos regista 135 cidades de 10.000 habitantes, ou mais, e onde a actividade dos Adventistas do Sétimo Dia só foi estabelecida em 38. Noutro campo local onde o trabalho foi iniciado no último decénio do século passado, há 242 cidades com 10.000 habitantes, ou mais, e ainda há 117 onde o trabalho não foi estabelecido.

Ao contemplarmos a grande tarefa inacabada podemos apenas concluir que o nosso Pai celeste deseja ardentemente mais fervor espiritual da nossa parte para espalhar o Evangelho por aqueles que moram do outro lado da rua e para aqueles que estão do outro lado dos mares. Ao lermos as afirmações sobre o futuro feitas por João o Profeta, desenhando as cenas finais do Evangelho quando «viu outro anjo descendo do céu, que tinha grande poder e a terra foi iluminada com a sua glória» (Apoc. 18:1) — os nossos olhos procuram esse momento com esperança e coragem. Sabemos que nos estão reservados maiores sacrifícios. Maior fervor tem que encher as fileiras da igreja. A unidade apresenta-se diante de nós como um dos elementos do êxito e triunfo da causa do Evangelho. Deus deseja que cheguemos ao fim do Seu trabalho com um espírito de fé, esperança e coragem, pois nós sabemos que o Espírito Santo é a força pela qual e na qual será terminada esta imensa empresa, a maior e mais grandiosa de toda a história da humanidade. As vitórias maiores e os triunfos mais grandiosos vêm «não pela força, não pela violência, mas pelo meu espírito, disse o Senhor dos exércitos».

Um dos aspectos mais importantes das instruções do Senhor aos seus discípulos foi o da unidade

entre eles. O Seu exemplo entre os discípulos era a mesma unidade que existia entre Ele e o Pai. A sua oração mais fervorosa foi: «Que todos possam ser um; assim como Tu, Pai, o és em mim, e Eu em Ti, que eles possam também ser um em Nós.» Jesus pretendia que esta unidade da igreja fosse um elemento poderoso para convencer os povos do mundo da verdade do Evangelho, porque disse, «para que o mundo creia que tu me enviaste» (João 17:21).

O apóstolo Paulo na sua epístola aos Efésios, incluiu um extenso discurso sobre a unidade do Espírito. Acentuou que a igreja herdou o lugar da unidade, mas a unidade deveria ser uma qualidade que cresce continuamente com a experiência da igreja. Tanto os ministros como os leigos da igreja deveriam sobretudo lutar pela unidade.

Uma das características marcantes da igreja apostólica foi o espírito de unidade. Foi ela uma fonte definida de poder e força para apoio da propagação da mensagem de Cristo no mundo antigo. Ao ministério que continua a evangelizar o mundo, é necessário um corpo de leigos unido que ore.

A causa do Evangelho no seu começo foi um movimento unificado e harmonioso, e esperamos que no seu encerramento tenha como característica dominante um grande espírito de unidade e harmonia. A unidade da igreja tem de realizar-se primeiro em cada membro individual cuja vida se

deve unir à do seu irmão na igreja local. Em segundo lugar, deveria existir uma unidade crescente entre as igrejas, formando então, uma unidade entre as organizações e os crentes em todo o mundo. A educação pode ajudar-nos a unirmo-nos aos nossos irmãos de crença. O cuidado pessoal em cultivar um espírito de compreensão pelos outros ajudaria grandemente a efectuar a unidade almejada. E assim devemos todos compreender que o Espírito Santo é o único elemento que pode realizar a unidade que concluirá a obra de Deus na terra e preparará os santos de Deus para o Reino eterno.

Ao reunirmo-nos na nossa Semana de Oração deste ano meditamos frequentemente sobre o grande tema do Espírito Santo e na sua obra poderosa nos tempos finais do Movimento Adventista. Quando as nossas pobres vidas surgem para exame diante de nós estudemos com cuidado a Palavra Divina, para aprendermos o meio de obter maior benefício desta dádiva que trás «todas as outras bênçãos consigo». Se nós consagrarmos as nossas vidas e tudo o que temos integralmente ao serviço de Deus, se obedecermos com alegria aos mandamentos de Deus, e pedirmos fervorosamente a dádiva do Espírito Santo, em nome de Jesus Cristo nosso Senhor, Ele entrará nas nossas vidas na Sua Plenitude. Deus permita que o Espírito Santo entre nas nossas vidas e viva em nós para sempre.

«A oração feita em público deve ser breve, e ir direita ao fim. Deus não quer que tornemos fastidioso o período do culto, mediante longas petições. «Quando orares — disse Ele — não sejas como os hipócritas, pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens.» (S. Mateus 6:5) «Alguns minutos são o bastante para qualquer oração pública, em geral.» (Obreiros Evangélicos, p. 171).

(Leitura para Quinta-feira, 12 de Novembro de 1959)

«ATÉ AOS CONFINS DA TERRA»

O conceito das missões no mundo é velho como os séculos, porque mergulha as suas raízes no plano eterno de Deus para a salvação do mundo em pecado. Foi concebido no espírito de Deus, mesmo antes do nosso mundo ter sido criado, e considera a conquista pacífica dos corações dos homens pela sua palavra de reconciliação. No plano missionário de Deus o assunto central é o amor divino e o sacrifício expiatório de Cristo; a tarefa é defrentar toda a raça humana com as boas novas; o poder deriva da autoridade de Jesus ministrado através do Espírito Santo; como ponto culminante está no propósito divino de reunir todas as coisas em Jesus Cristo e estabelecer o Seu reino eterno em glória; a sua importância vem do facto de que o destino humano é determinado pela crença de cada um e pela aceitação da oferta de Deus da redenção.

Como foi revelado pela Bíblia, Deus não é o Senhor de uma raça preferida, mas o Senhor de todos os povos do mundo. «O Senhor olha desde os céus, e está vendo a todos os filhos dos homens; Ele é que forma o coração de todos eles, e contempla todas as suas obras.» (Salmo 33:13,15). Através do Velho Testamento Deus é proclamado Soberano de todas as nações. A «semente» prometida à mulher não é local mas universal. A vocação de Abraão continha uma promessa para todos os povos: «Em ti serão benditas todas as famílias da terra» (Genesis 12:3). O que Deus desejava fazer a Abraão desejava fazê-lo a todos os homens. A bênção de Abraão não foi um fim último, mas apenas o meio para um fim. A nação Hebraica quando saiu do Egipto e se estabeleceu na terra prometida chefiada por Moisés e os seus sucessores foi declarada «um reino sacerdotal» (Êxodo 19:6); e houve um convite aberto aos estranhos

para virem e aprenderem sobre Deus e para adorar com os Hebreus. «assim também ao estrangeiro, que não for do teu povo Israel... vindo eles e orando nesta casa.» (2. Chron. 6:32, 33).

Quando Jesus veio a este mundo para revelar Seu Pai, para realizar a nossa salvação, e para estabelecer a igreja dos novos tempos não deixou dúvidas sobre as suas intenções para com o mundo inteiro. Enquanto as primeiras ofertas de salvação foram feitas às ovelhas perdidas da casa de Israel, os Gentios não foram excluídos. Romanos, Samaritanos, Sírios, todos entraram no círculo do seu ministério amoroso. E Ele culminou a obra da Sua vida ordenando aos seus seguidores que proclamassem o Seu Evangelho a «todas as nações», «a todas as criaturas», «entre todas as nações», e a todos aqueles englobados na palavra «quem quer que seja». E quando o Senhor ressuscitado teve a última reunião com os Seus seguidores no chamado Monte das Oliveiras, precisamente antes de Ele ter sido arrebatado e recebido por uma nuvem fora da vista deles, recordou-lhes o seu dever missionário e disse o que foram as Suas últimas palavras nos seus ouvidos: «até aos confins da terra» (Act. 1:8).

Assim a obra das missões não foi um acidente ou uma simples tradição no desenvolvimento da igreja. Não foi a invenção de nenhum homem, de Pedro, de Filipe, ou mesmo do apóstolo Paulo. É vasta nos seus fins, majestosa na sua visão, imutável em todas as eras da igreja.

«Assim Jesus conferiu os poderes aos seus discípulos. Providenciou pela continuação da obra, e tomou sobre si a responsabilidade pelo seu êxito. Enquanto eles obedeceram à sua palavra, e trabalharam em união com Ele, não houve falhas. Ide a todas as nações, assim lhes

Pelo Pastor W. P. BRADLEY
Secretário da Divisão Norte-
Americana da Conferência Geral

ordenou. Ide para a parte mais remota do globo habitado, mas certificai-vos de que eu esteja lá presente. Trabalhai com fé e confiança, pois nunca vos abandonarei um momento.

«A comissão do Salvador aos discípulos incluiu todos os crentes. (Mat. 28:19; Marc. 16:15). Inclui todos os crentes em Jesus até ao fim dos séculos.» (O Desejado de todas as Nações).

«Jesus Cristo derruba a parede da separação, o preconceito da nacionalidade que divide, e ensina o amor por toda a família humana. Ergue os homens do círculo estreito que marcam os seus egoísmos; derruba todas as linhas territoriais e as distinções artificiais da sociedade. Não distingue entre vizinhos e estranhos, amigos e inimigos. Ensina-nos a olhar para cada alma em aflição como nossa irmã, e o mundo como o nosso campo.» (Ibid., p. 823).

Como últimos servidores da ordem do Evangelho, nós avançamos com a força do nosso Chefe a evangelizar todas as nações a fim de preparar o caminho para o regresso de nosso Senhor. Deus trabalhou maravilhosamente nos nossos dias ao estabelecer esta última mensagem de terra em terra — 184 países, ao todo.

Prestem atenção cuidadosa enquanto o pastor L. C. Naden, Secretário da Divisão Australiana, conta a história admirável do progresso nesta parte do mundo:

«No ano de 1875 a mensageira do Senhor teve uma visão em Battle Creek, Michigan, que chamou a atenção do resto da igreja para os grandes campos de missão do mundo nesse tempo ainda não visitados pelos nossos missionários.

Quando foi interrogada pelo seu marido para indicar alguns desses países, só pode referir a Austrália, porque só aquele país lhe fora mencionado pelo anjo.

«Dez anos mais tarde os pioneiros navegaram para este território virgem, e em 1886 foi organizada a primeira igreja Adventista nesta parte do mundo. Em 1890 o belo navio *Pitcairn* fez a sua viagem inaugural para os Mares do Sul, e em breve, depois disso, começaram a soar os sinos da Escola Sabatina no campo missionário desta grande ilha. Por volta de 1907 o número total de membros na Divisão tinha atingido os 3433. E agora notem o crescimento em cada década: 1907, 3433; 1917, 6333; 1927, 10.915; 1937, 18.180; 1947, 23.546; 1957, 46.077.

«Uma pessoa pergunta a si mesma se estamos agora a presenciar o começo da última chuva nalgumas secções do nosso campo da ilha. O pastor Robert Salau, que presenciou os movimentos do Espírito de Deus na conversão de toda a população do velho Mussau relata que o que está a observar na área de Sepik na Nova Guiné ultrapassa tudo o que presenciou em Mussau. Quem é que sonharia que chegaria o dia, como é agora o caso, em que aldeias completas de gente primitiva aboliriam num período de três dias os porcos e o mascar de plantas aromáticas, pagando o dízimo, e de outro modo harmonizarem as suas vidas com a vontade de Deus!»

No grande continente da América do Sul, o Secretário da Divisão L. H. Olson, relata como Deus está a chamar, como nunca antes, aqueles que anseiam por luz. «Recebeu-se informação do interior do Brasil de que dois obreiros leigos realizaram reuniões públicas, onde não existiam crentes, e em menos de um ano já 65 pessoas frequentam a Escola Sabatina, e 18 estão à espera do baptismo.

«A réplica no Chile é muito prometedora. Numa campanha de evangelização foi necessário durante algumas semanas realizar duas

reuniões em cada noite pois o recinto não comportava de uma só vez todos os que compareciam. Cerca de 1.000 pessoas pediram as visitas dos Obreiros, e 200 estão a receber lições da Bíblia.

«Na União Inca numa campanha de evangelização, a assistência aumentou de 320 na primeira noite para 1400. Levantou-se oposição, e foi cancelado o contrato para o recinto por ameaça de o edifício ser dinamitado. Foi encontrado um local melhor e agora a assistência passa dos 1600. Uma colheita de 200 baptismos é esperada como resultado destas reuniões».

Dos antigos países da Bíblia chegam relatórios de novas vitórias para a mensagem Adventista, escritos pela pena de R. H. Hartwell, Secretário da Divisão do Médio Oriente:

«Há cerca de um ano que o irmão Farris B. Bishai se instalou em Port Said, Egipto, e agora, neste novo local já foram baptizadas sete pessoas.

«Na União do Mediterrâneo Oriental os membros da Escola Sabatina são o dobro dos membros baptizados da igreja. Estão a ser ou foram construídas novas igrejas, e assim temos agora um monumento permanente em todos os países onde resida um obreiro. Foram baptizadas, pelo menos 60 almas preciosas neste campo durante o período em que prevaleceu a violência e os nossos melhores esforços evangélicos foram obrigados a suspender-se.»

Relatórios emocionantes chegam do Sul da Ásia onde o Secretário de Divisão, Duane S. Johnson descreve a reacção maravilhosa como Hindus, Muçulmanos, Parses e Sikhs escutaram com interesse renovado a pregação da mensagem. Como resultado disso, têm sido ganhas numerosas vitórias pessoais sobre hábitos velhos e influências contrárias. O senhor Kholi, um hindú, foi atraído por uma tabuleta anunciando conferências bíblicas Adventistas em Nova Delhi. Profundamente impressionado pelos folhetos de temperança distribuídos à entrada, continuou a investigar e finalmente decidiu-se

a deixar de fumar. A seguir sentiu um desejo de ajudar o seu irmão. «Thakur Singh», disse ele, «tu podes acabar com esse mau hábito de fumar seis maços de cigarros por dia. Aqui está a resposta». Seguiu-se uma intensa luta física e espiritual, mas Thakur Singh também venceu. Em breve vários amigos também ficaram interessados com o assunto do tabaco e do fumo. Foram tão sérios no seu propósito que cada um assinou uma promessa com o seu próprio sangue de nunca mais fumar. Deus honrou a sua coragem e pela oração deu-lhes a vitória.

Uma rapariga nova da Índia entrou para a igreja contra a vontade de seu pai. Ele opunha-se especialmente aos esforços dela para obter dispensa das aulas da escola médica aos sábados e escreveu uma carta a um empregado do governo atacando-a severamente assim como à sua fé. Quando ela scube disto, mandou uma carta ao Ministro de Estado em que dizia: «A minha intenção ao escrever esta carta é declarar claramente que a Igreja Adventista do Sétimo Dia nunca tentou convencer-me a afastar-me de meu pai ou desrespeitá-lo. Estou a seguir o que acredito ser certo inteiramente de minha livre vontade e por causa da minha própria consciência. Eu deveria obedecer a meus pais, mas quando há um conflito entre a vontade de meu pai e Deus, tenho que obedecer a Deus.»

Os baptismos no Sul da Ásia durante 1958 excederam 2000. Na verdade Deus está a trabalhar neste campo difícil.

A Divisão Norte Europeia é um território muito extenso, abraçando alguns dos campos privativos da Europa assim como vários territórios missionários da África. Também aqui esta última mensagem de Deus está a desenvolver um trabalho poderoso. O maior baptismo Adventista jamais relatado da Irlanda foi realizado em Belfast quando 56 almas selaram a sua fé neste rito solene.

Continuando o relato do que se tem passado por toda esta Divisão.

o Secretário, G. D. King, conta que:

«A Etiópia experimentou recentemente um verdadeiro despertar evangélico, tendo os membros da nossa igreja neste país duplicado desde 1954. Recentemente realizaram-se três cerimónias de baptismo em cada uma das quais foram baptizados 100 candidatos, sendo a maior de 143.

«Na África Ocidental, onde alguns anos atrás contávamos apenas algumas centenas de crentes, temos hoje para cima de 20.000 baptizados, e uma frequência das escolas Sabatinas de cerca de 52.000. Na Nigéria Oriental, o pastor A. J. Dickay, o chefe nacional em serviço, relata que num ano foram estabelecidas 15 novas campanhas e que se realizaram para cima de 158 cerimónias de incineração de objectos de encantamentos, mostrando como a luz do Evangelho está a penetrar através da escuridão da feitiçaria e do mal.»

W. Duncan Eva, Secretário da Divisão da África Meridional, escreve o seguinte:

«Da África Meridional 168.066 membros baptizados da igreja e 272.084 adeptos assíduos das escolas Sabatinas saudam os seus irmãos de todo o mundo, por ocasião de outra Semana de Oração anual.

Grandes alterações se estão a dar em África. As ondas do nacionalismo estão em maré alta. Neste ambiente o Congresso da Juventude da África Oriental realizado em Nairobi em Setembro de 1958, surge, talvez, como o maior passo em frente deste ano nesta Divisão. Aconteceu o impossível. Juntaram-se, vindos de todas as partes da África Oriental, por navegação lacustre, por comboio e por estrada, 1.600 jovens Adventistas do Sétimo Dia para a bênção de Deus e regressaram a suas casas inspirados com a consciência de fazerem parte de um grande movimento mundial que tem um fim divino e não terreno.

A Providência está a guiar-nos. Em doze meses, que acabaram em 30 de Setembro de 1958, havia

16.529 almas baptizadas. A obra está em avanço e os nossos problemas são os de uma igreja que cresce tão rapidamente que mal conseguimos manter o passo com o desenvolvimento.»

Na América Central os membros elevaram-se para além dos 125.000. Como foi relatado por C. O. Franz, Secretário da Divisão, foi feito um esforço nos começos de 1958 numa comunidade produtora de cana-de-açúcar da Jamaica. Num local que tinha sido anteriormente usado como centro de jogo, foi erguido um templo do Evangelho, e os aldeões que procuravam o prazer apareceram, possivelmente à procura de qualquer novo incitamento. Com a continuação das reuniões, muitos continuaram no local onde anteriormente jogavam, resolvendo-se a ser fiéis a Deus. Em 28 de Setembro mais de 1.000 pessoas presenciaram o baptismo de 21 almas preciosas num rio próximo.

«A união de mais rápido crescimento na Divisão é a União Missionária Colombia-Venezuela. O número de membros triplicou nos últimos dez anos apesar de perseguição e de guerra civil. Num domingo à tarde estava a realizar-se uma cerimónia de baptismo numa aldeia onde oito candidatos iam ser imersos numa corrente que passa pela propriedade da igreja. De repente, funcionários da cidade apareceram e prenderam os ministros e vários membros importantes por realizarem uma reunião num local que estava encerrado ao esforço missionário protestante. Foram confiscadas as Bíblias, hinários, e as revistas da escola Sabatina, e a igreja foi selada e presos os dirigentes.

«Aqui originou-se em breve uma situação invulgar. Os presos Adventistas foram depressa rodeados por soldados, polícias e os presos, em seis grupos diferentes começaram a explicar a verdade. Causou-se uma profunda impressão em todos os presentes.

«No dia seguinte os presos foram convocados para uma audiência, foram repreendidos severamente, ameaçados e libertados. Imediata-

mente arranjaram um carro e foram para outra aldeia do mesmo distrito onde tinha sido marcada outra cerimónia de baptismo. Terminado o serviço, os Obreiros retiraram-se rejubilando e confiantes no Senhor, e no fruto que Ele estava a dar.»

Indo para o Extremo Oriente, de novo testemunhamos a obra do Espírito de Deus ao abrir novas portas de inquérito com vista à verdade presente. O irmão Rifai Boerhanoe'ddin, um convertido da fé islâmica, é agora um adventista activo e escreveu um livro, «Cristo no Alcorão», na língua da Índia. Este volume está na sua quarta edição de 10.000 exemplares cada, e está a despertar grande atenção. Interesses começam a surgir, e estão a ser organizadas novos grupos de escolas Sabatinas.

Nas Montanhas da Nova Guiné Ocidental estão em progresso milagres de transformação. K. Tilsitra fala-nos de um jovem Adventista que era membro de uma expedição científica holandesa de 1957 que viveu várias semanas entre os povos Bara-Bora. Com o seu ensino mudaram rapidamente os seus hábitos maus e receberam interessadamente a história da salvação. Agora um dos nossos professores da Papua está a viver entre eles e a instruí-los mais perfeitamente. Estão a começar a plantar bonitos jardins e a construir uma igreja de pedra onde poderão sentar-se 300 pessoas de modo que possam convidar as tribos vizinhas a vir ouvir as lições dos seus mestres. Estão a renunciar aos seus velhos hábitos da luta, do roubo e da embriaguez. Ao construírem a igreja colocaram uma trave que não ficou direita. No dia seguinte dentaram-na abaixo e puseram-na direita. E disseram. «As nossas vidas estão mudadas e nós não queremos nada torcido na casa de Deus.»

A Escola Técnica de Taiwan é frequentada pela juventude chinesa, e um certo número de membros dos povos Tyal que habitam as montanhas próximas. O zelo missionário activo destes jovens resultou na abertura de uma obra nova muito prometedora, entre a

tribo Tyal. Isto começou com estudos da Bíblia através de filmes e o tratamento dos doentes pelos médicos e enfermeiras da missão. No fim de um ano das actividades missionárias, W. K. Nelson, o professor da escola bíblica, relata que foram construídas duas capelas e uma clínica, e há 43 membros baptizados alegres com a verdade que lhes foi comunicada por aqueles estudantes missionários.

Estes são dias de emocionante progresso missionário, e de feitos de sacrificio dos membros e obreiros devotados. Na Missão da Hawai há uma linda igrejinha dos Adventistas de Sétimo Dia na orla barlavento da Ilha de Oahu. Um irmão e sua esposa cuja generosidade e amor por Deus deu a

existência a esta igreja rejubilam agora na sua associação como membros titulares. Antigos espíritas, ficaram descontentes com a sua crença ancestral e decidiram tornar-se cristãos. Desligados de qualquer seita seguiam a Deus o melhor que podiam, e construíram uma casa na qual, com um grupo de seguidores, podiam adorar a Deus. Mas um vendedor ambulante de literatura Adventista encontrou esta gente, organizaram-se reuniões, e quando foi revelada a verdade elles aceitaram com alegria a nova fé. Como expressão da sua gratidão para com Deus, este casal dedicou a igreja à missão, e assim se forjou mais um elo da cadeia mundial Adventista.

O Cristianismo tem sido des-

crita como uma das maiores forças geradoras da história. Mas é mais do que isso. É uma das maiores forças gerando destino — o destino de Deus. Nesta cruzada poderosa nós somos mais do que testemunhas; somos participantes, instrumentos sob as ordens de Deus para modelar os acontecimentos na preparação do regresso de Jesus. Como esta obra nos arrasta a um fim triunfante teremos que dar tudo: as nossas orações, o nosso serviço, a nossa juventude, os nossos meios, como gratidão para com Deus e por causa do nosso amor pelos nossos semelhantes. Oremos para termos sempre uma melhor visão e força para realizar a parte, que o Senhor nos destinou.

(Leitura para Sexta-feira, 13 de Novembro de 1959)

«UM ESPECTÁCULO AO MUNDO»

«Pois somos feitos espectáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens» (I Cor. 4:9).

Um espectáculo é qualquer coisa exibida como invulgar e notável — uma cena digna de ser notada. A palavra grega que traduz espectáculo é *theatron*, que significa «uma exibição», ou um «teatro».

Por conseguinte, os Cristãos são um *teatro* um centro de interesse, não só para os que estão imediatamente à nossa volta, mas também para os habitantes de todo o Mundo. Nós somos como que uma oficina onde a graça sem par e o poder redentor de Deus realizam espantosas transformações de carácter.

«O Senhor Jesus está a fazer experiências nos corações humanos através da Sua misericórdia e graça abundante. Está a efectuar transformações tão espantosas, que Satanás com toda a sua ostentação triunfante com toda a sua confederação do mal unida contra Deus e contra as leis do Seu governo, as considera como uma fortaleza

Pelo Pastor ANDREW C. FEARING
Secretário Associado da Associação
Ministerial da Conferência Geral

inacessível aos seus sofismas e enganos. São para ele um mistério incompreensível. Os anjos de Deus, serafins e querubins, os poderes encarregados de cooperar com os empreendimentos humanos olham com admiração e alegria, para os homens caídos, outrora filhos do ódio, que estão a desenvolver a personalidade à semelhança divina, através dos ensinamentos de Jesus, para serem filhos e filhas de Deus, para desempenharem um papel importante nas ocupações e prazeres do céu.» — *Testimonies to Ministers*, pág. 18.

Atentemos nalgumas das nossas potencialidades, como são apresentadas na Sagrada Escritura.

Um Modelo — O apóstolo Paulo escrevendo a um jovem ministro disse: «Em tudo te dá por exemplo de boas obras» (Tito 2:7).

Um modelo é um guia ou molde do qual um objecto é feito; é qualquer coisa digna de imitação.

Em todos os actos e serviços das nossas vidas, demonstramos ou revelamo-nos um exemplo das obras, boas ou más. Como filhos de Deus, os frutos do Espírito: «caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança» (Gálatas 5:22), devem testemunhar com tanta beleza do íntimo, que Deus pode mostrar-nos como troféus perante os olhos de um universo deslumbrante.

Linguagem — Dos nossos lábios sairá uma «linguagem sã», como o apóstolo diz, «para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós» (Tito 2:8).

Mesmo aqueles que não acreditam, aqueles que são contrários e hostis a tudo o que professamos, esses mesmos depois de se associarem a nós e de ouvirem as nossas palavras, nada encontram para dizer contra nós.

A oração de David devia ser sempre a nossa: «Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor Rocha minha e Libertador meu» (Salmo 19:14).

Um grupo de homens estava a limpar um pedaço de terreno, preparando-se para ali erguer uma tenda de evangelistas. Durante muitos anos, aquele lugar tinha servido de monturo. Foi um trabalho sujo, onde os que fizeram tal serviço de limpeza se conspurcaram, fatos, rostos e mãos, como era natural. Vários rapazitos estavam a observar com interesse aqueles trabalhos de limpeza e de remoção do lixo. Finalmente, um dos pequenos disse que era capaz de indicar qual dos trabalhadores era o prêgador. Apontando o dedo rechonchudo disse: O prêgador é o senhor!

E, caso estranho, era aquele mesmo o prêgador.

— «Mas — pergunta o ministro — como sabes que sou eu o prêgador?» O pequeno ficou pensativo, durante alguns momentos, e depois disse: — «Porque o sr. não fala como os outros».

Efectivamente, o ministro distinguia-se de todos os outros, pela maneira de falar.

E assim deveria ser com todos os que amam o Senhor Jesus e aguardam a Sua próxima vinda.

Ainda não há muito tempo que uma mulher jovem bateu à porta de um dos nossos Obreiros, perguntando-lhe que é que ela tinha de fazer para ser membro da Igreja Adventista. O pastor ficou um pouco embaraçado, pois aquela senhora era-lhe completamente desconhecida.

— «Que é que a levou a ficar interessada pela nossa Igreja?» — perguntou o pastor.

O rosto da jovem senhora iluminou-se, quando contou o seguinte:

«Sou telefonista e trabalho no turno da noite. As pessoas perguntam por um médico, a toda a hora da noite, e algumas das chamadas, são muitas vezes, bastante rudes. Mas o vosso médico adventista do Sétimo Dia, nesta cidade,

tem sido sempre tão paciente, amável e atencioso, que me levou a imaginar que há qualquer coisa de diferente na vossa gente.

Todos vós, Adventistas, tendes uma amabilidade, que não se encontra, facilmente, e que é muito necessária nos nossos dias. Por isso desejo entrar para uma igreja, onde as pessoas fazem com que o Cristianismo participe das suas vidas diárias».

«A vida firme, a indulgência paciente, o espírito calmo sob a provocação, constituem, sempre, um dos argumentos mais decisivos, assim como o apelo mais solene.» (*The Ministry of Healing*, p. 494).

Ornamento da doutrina — Temos à nossa disposição outra potencialidade, desde que «tenhamos Jesus dentro de nós, como uma fonte de água, brotando em vida duradoura, refrescando todos os que entram em contacto connosco» (Ibidem, p. 496).

Lemos naquela mesma carta do apóstolo a Tito: «...que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador.» (Tito 2:10).

A doutrina de Deus é revelada na sua Palavra Sagrada, e que bela verdade que ela é!

Mas será possível enriquecê-la, embelezá-la, tornar mais perfeito aquilo que já é perfeito?

Sim; é possível.

Como as verdades de Deus sobrevivem nas nossas vidas diárias, em todos os *pensamentos* e *palavras*, tornam-se assim doutrinas vivas de beleza e de poder.

«Só uma vida como a de Jesus pode verdadeiramente tornar digno de crédito o Evangelho ao Mundo.»

Quantas vezes não ouvimos nós dizer: «não métodos novos, mas sim homens novos», é que farão progredir o Evangelho.

Um bom cheiro — Vejamos, ainda o que escreve o apóstolo: «Porque para Deus somos o bom cheiro de Cristo» (2 Cor. 2:15). A doce fragância de Jesus será nossa. A Sagrada Escritura fala de Jesus como o «Lírio do Vale» e a «Rosa de Sharon».

É Jesus, o Salvador adorado, através de quem o Pai Celeste concede o verdadeiro aroma do céu. E esse aroma será nosso para o repartimos com os outros.

Reparemos bem nestas palavras penetrantes: «Todas as almas estão rodeadas por uma atmosfera própria — uma atmosfera, possivelmente, carregada do poder da fé, coragem e esperança, que dá vida, e doce como a fragância do amor. Ou então também está carregada e fria com a tristeza do descontentamento e do egoísmo, ou ainda venenosa com o vírus do pecado que se acaricia. Pela atmosfera que nos rodeia, todas as pessoas com quem entramos em contacto são afectadas, consciente ou inconscientemente.

É esta uma responsabilidade de que não nos podemos libertar. As nossas palavras, os nossos actos, o nosso vestuário, a nossa conduta, até mesmo a expressão do nosso rosto, exercem, evidentemente, forte influência naqueles que nos rodeiam.

Da impressão que assim fica, dependem muitos resultados, tanto para o bem, como para o mal; e ninguém pode calcular todo o alcance desta influência.» *Christ's Object Lessons*, p. 339.

Cristo glorificado — «Para que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo seja em vós glorificado, e vós nele» (2 Tes. 1:12).

Nenhum outro nome dado entre os homens é tão rico em significado, como o nome de Jesus; por isso, todos nós, prezados Irmãos, podemos demonstrar a todos, ao nosso derredor, o carácter glorioso, o amor abundante e o poder salvador deste nome.

Jesus está à porta dos nossos corações, procurando entrar, de modo que o nosso testemunho acrescente glória ao Seu próprio nome glorioso. Mas para que isto se transforme em realidade, temos primeiramente de limpar a nossa alma, desembaraçando-lhe as entradas e saídas.

«Vi que há tanta gente que tem tanto lixo empilhado à porta dos seus corações, que não podem abrir a porta. Algumas pessoas

têm de remover certas dificuldades que se levantam entre eles e os seus irmãos. Há outros que têm de remover o mau génio e a coibiça egoísta, para poderem abrir a porta. Há, ainda tantos outros que empurraram o mundo de tal modo contra a porta do coração, que não são capazes de a abrir. Pois todo este lixo tem de ser removido, para que a porta do nosso coração possa ser aberta, para nele entrar o nosso bendito Salvador.» — *Testimonies*, vol. 1, pág. 143.

E como poderemos remover todo este lixo?

Dizemos que não o queremos; mas como é que o vamos varrer?

Eis como a Mensageira do Senhor nos elucida nestas belas palavras «Deixa que o espírito de Deus, como uma chama sagrada, queime o lixo que está empilhado à porta do teu coração, e deixa entrar a Jesus; então o seu amor fluirá para os outros, através de nós mesmos, mediante palavras ternas, pensamentos elevados e acções dignas».

Então e só então poderemos glorificar o nome de nosso Salvador Jesus Cristo.

Anunciai as suas Virtudes — O apóstolo Pedro diz-nos que somos:» a geração eleita, o sacerdotício real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciemos as virtudes d'Aquêle, que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz» (I Pedro 2:9).

Sim, prezados Irmãos! Temos a obrigação de «anunciar», ou — traduzindo à letra — «proclamar» as virtudes, as excelências, as perfeições do próprio Mestre. Que responsabilidade! E, também, que privilégio!

Deus, que não poupou o Seu próprio Filho, que permitiu que Ele sofresse tão grande humilhação e tantos tormentos, permitiu isso, para que nós, através de Sua graça, pudéssemos testemunhar o Seu amor a todo o Universo.

Aqueles que têm vontade de se oferecer, como sacrifício vivo pela Causa de Deus são, em certo sentido, a Sua propriedade adquirida, a Sua verdadeira propriedade.

Sinais — O Senhor chamou-nos *sinais* (Isaías 8:18; Ezequiel 12:6), ou *guias* para todos aqueles que nos observam.

Um sinal é um indicador da direcção, para mostrar o caminho.

O nosso nome denominacional é «Adventistas do Sétimo Dia», embora tenhamos outros nomes, em vários países. Assim por exemplo, na Niassalândia chamam-nos «Missão Malamulo», que significa «Missão dos Mandamentos».

Em certa parte da Alemanha a nossa missão é conhecida pelo nome de «Igreja nascida duas vezes». Num outro país da Europa, temos o nome de «Igreja da força». Ao longo da costa da África Ocidental, temos o nome de: «O povo limpo».

Poderemos ainda citar outros nomes, que estão a atrair a atenção, tais como: «A Igreja da Verdade»; «O povo do 4.º Mandamento»; «A Igreja do Sábado»; «o povo de Deus»; «reparadores das roturas».

Sim, prezados Irmãos! Nós somos, efectivamente, verdadeiros «sinais» para o mundo.

J. M. Hnatsyhn fala das tentativas que fez para encontrar uma certa escola adventista do Sétimo Dia, na Índia.

«Ninguém parecia conhecer tal escola — escreve ele — com um nome assim. Ora, naquela região havia apenas duas escolas. Pedi, então, ao chefe indiano daquela circunscrição, que lhe descrevesse cada uma das escolas. Aquele regedor disse, então, que uma das escolas tinha como professor um homem que usava uma túnica branca, comprida, e que trazia ao pescoço uma corrente terminada numa cruz. O irmão Hnatsyshyn abanou a cabeça, em sinal negativo, e perguntou quem dirigia a outra escola. — A outra — respondeu o regedor — tem como professor um homem que antes de admitir as pessoas na sua igreja, vai primeiramente lavá-las ao rio».

O nosso irmão sorriu, pois percebeu, imediatamente, que a tal lavagem, a que se referia o regedor, era o baptismo.

E é assim, que nesta parte da Índia, a nossa Igreja é conhecida pelo sinal do baptismo; efectivamente a nossa Missão é denominada «Dhubki Mission», que significa «mergulhar uma pessoa na água».

Entre os índios Incas somos conhecidos pelo nome de «A Igreja Honesta». Que bom nome, prezados Irmãos!

Um cristão Adventista do Sétimo Dia não desejaria, decerto, ser conhecido como um astuto comerciante.

Devemos ser «activos no trabalho», é certo; assim mesmo no-lo ensina a Palavra de Deus; por isso, todas aquelas pessoas que tiverem de negociar connosco, deverão ficar conscientes de que tratámos com elas com toda a honestidade e delicadeza, sob todos os pontos de vista.

«Em todas as transacções comerciais, um Cristão deverá ser, precisamente, aquilo que ele quer que os seus irmãos pensem que ele é. A sua actividade deve ser sempre guiada por princípios fundamentais. Não tece intrigas; por consequente, não tem nada que esconder, nem tem nada que fingir... Um homem verdadeiramente honesto nunca tirará proveito da fraqueza ou incompetência daqueles com quem trata, para procurar lucros... O desvio da perfeita correcção, nos negócios, poderá parecer a alguns irmãos, como uma coisa pequena; mas o nosso Salvador não pensa assim... Um homem que adere firmemente à verdade, ganhará a confiança de todos aqueles com quem tratar. Não só os seus irmãos depositarão confiança nele, mas também os incrédulos serão forçados a reconhecê-lo como um homem de palavra, e de toda a honestidade». (Irmã White, *My Life Today*, p. 330).

Um missionário médico, no regresso da África Tropical para os Estados Unidos parou em Londres, com a família. Precisavam de adquirir vestuário quente, com urgência. O seu único dinheiro naquele momento, estava depositado num banco da Califórnia, onde outrora vivera. Ninguém o conhecia

em Londres; por isso perguntava-se a si mesmo como é que poderia receber um cheque, em Londres, onde não havia ninguém que o identificasse?

No banco explicou a sua situação, dizendo que era um missionário médico adventista do Sétimo Dia de regresso à pátria e que necessitava de comprar vestuário. Perante a surpresa deste nosso irmão, o cheque foi-lhe pago, imediatamente, sem nenhuma outra formalidade; apenas notou que o empregado que o atendera escreveu no cheque, como sinal de identificação: «Adventista do Sétimo Dia». Este empregado bancário tinha-se relacionado, algures, com verdadeiros Adventistas, que evidentemente eram um tal espectáculo de honestidade, que apenas soube que aquele portador de um cheque era um Adventista do Sétimo Dia, imediatamente depositou nele toda a confiança.

Que linda e bela lição, prezados Irmãos!

Cartas vivas — O apóstolo Paulo diz; «Já é manifesto que vós sois a carta de Cristo» (2 Cor. 3:3).

Deste modo, cada filho de Deus é uma carta assinada por Jesus, e dirigida a todo o mundo. A escrita é feita não em duas tábuas de pedra, mas nas tábuas vivas do coração. A Lei de Deus e os seus princípios de justiça tornam-se uma parte integrante da nossa pessoa.

Como luzes — Numa hora, como esta, em que uma espessa escuridão recobre o mundo moral, em que os homens caminham como cegos, o Senhor desafia-nos a que nos ergamos e a que brilhemos, como luzes no mundo, «resplandecendo como astros no mundo, e retendo a palavra da vida». Vejam-se: (Isaías 60:1-3; Filip. 2:15,16). Uma religião tem de brilhar, para ser vista.

Por isso, nós, Adventistas do Sétimo Dia, temos de ser «luzes para brilhar no meio da noite» moral desta geração má e perversa.

...A Igreja é a depositária da riqueza dos que têm abundância da graça de Jesus; será através da Igreja que será eventualmente ma-

nifestada a última e completa exteriorização de Deus pelo mundo, que será iluminado com a sua glória» *Testimonies to Ministers*, p. 50.

Filhos de Deus — Um dos privilégios que nos foram concedidos é o de «sermos chamados filhos de Deus» (I João 3:11).

Esta relação de família entre nós, pobres mortais e Deus tornou-se possível, mediante a acção vivificante do Espírito Santo.

Que amor soberano nos não outorgou o Pai celeste, pelo qual, nós, estranhos e alheios por natureza, pudésemos nascer de novo para a Sua família, como Seus filhos. «E se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo». (Romanos, 8:17).

Prezados Irmãos! Nós temos parte, totalmente, na herança que Jesus ganhou para nós, na batalha intrépida que travou com o inimigo; nesta batalha o Senhor Jesus não só saiu vencedor para Si mesmo, mas também para nós, que desejamos aceitar esta dádiva sem par.

Como filhos de Deus temos a certeza da sua protecção e do seu amoroso cuidado, com a plena confiança de que Ele trabalhará dentro de nós mesmos a Sua própria Justiça, e a garantia de que Ele é capaz de nos apresentar «irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória» (Judas 24).

Há, ainda, outras potencialidades que nos pertencem através da graça salvadora do nosso Redentor: Somos convidados a ser «pedras vivas» (I Pedro 2:5) construídas por Jesus Cristo, em casa espiritual agradável a Deus.

Pelo poder do Espírito Santo devemos ser «testemunhas» (Actos 1:8), do que temos visto e sabido acerca das obras e das lições do Mestre.

Jesus chama-nos «o sal da terra» (Mateus 5:3), querendo significar com isso, que devemos ser uma influência purificadora e conservadora no mundo.

O sal, usado para temperar, torna os alimentos mais gostosos; assim a influência de uma dedicada vida cristã pode também transfor-

mar as dores dos outros em alegria, e a confusão, em paz.

«Somos embaixadores da parte de Cristo» (2 Cor. 5:20) — representantes do céu em todos os aspectos da vida: na conservação, no serviço e na oração.

Somos comparados com a vigia, os criados, os amigos, os servidores.

Que espectáculo, que coisa tão digna de ser vista!...

O poder transformador de Deus faz de cada um de nós «uma nova criatura» em Jesus Cristo, nosso Senhor (2 Cor. 5:17).

Todos estes atributos que caracterizam o nosso Salvador, podem ser nossos, prezados Irmãos; podem ser meus, podem ser de cada um de nós, porque «O Senhor aperfeiçoará o que me concerne; a tua benignidade, ó Senhor, é para sempre; não desampares a obra das tuas mãos» (Salmo 138:8).

Sir Hubert von Herkomer, o grande escultor, tinha o pai a viver consigo, pouco antes da morte deste último. Durante o dia, também o pai, já idoso e também escultor, queria ainda trabalhar com o barro, mas a fraqueza das mãos e a falta de mobilidade dos dedos já não lhe permitia toda a arte que ele desejava imprimir ao barro. O filho, quando à noite via os trabalhos do pai, completava, rapidamente as deficiências aperfeiçoando aquelas obras. Na manhã seguinte, o pai observava o trabalho e exclamava alegre: «Olha, olha, está muito melhor, do que eu pensava. Afinal sou capaz de fazer melhor do que eu mesmo pensava!».

Prezados Irmãos! Aqui temos uma pequena semelhança com o que o que se pode passar com cada um de nós.

Esforcemo-nos por realizar o melhor que pudermos, porque o Senhor completará, depois, as nossas deficiências.

O Mestre, escultor divino, pede-nos que Lhe permitamos restaurar e recriar em nós a beleza da Sua própria vida.

Respondendo ao toque das suas divinas mãos, nós tornamo-nos «um espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens».

(Leitura para Sábado, 14 de Novembro de 1959)

«LEVANTAI OS VOSSOS OLHOS E VÊDE AS TERRAS»

As palavras do Salvador «Vós sois a luz do mundo» significam que o Senhor Jesus entregou aos Seus seguidores uma missão universal. Assim como os raios do Sol penetram até nos cantos mais afastados do globo, assim também Deus pretende que a luz do Evangelho se estenda a todas as almas da terra.

Se a Igreja estivesse a realizar os objectivos do nosso Salvador, a luz seria derramada sobre todos os que se encontram mergulhados na escuridão e na região sombria da morte; em vez de se reunir e de arcar com as responsabilidades, levando a cruz, os membros da Igreja deveriam espalhar-se por toda a parte, fazendo com que a luz do Evangelho brilhasse fulgurante, trabalhando como o Salvador trabalhou, para a salvação das almas; deste modo, «este Evangelho do reino» seria rapidamente levado a todo o mundo.

De todos os países ecoa o apelo macedónico: «Vem e ajuda-nos».

Deus abriu largamente os campos diante de nós. Seres celestiais têm cooperado com os homens. A Providência vai adiante de nós, e o poder divino está a trabalhar com o esforço humano.

Cegos, na verdade, devem ser os olhos, que não vêem o trabalho de Deus, e surdos os ouvidos que não ouvem o apelo do verdadeiro Pastor às suas ovelhas.

Alguns ouviram o chamado de Deus e responderam.

Que todo o coração santificado responda agora, procurando proclamar a mensagem da vida.

Se os homens e as mulheres com fé e humildade se encarregarem de efectuar o trabalho marcado por Deus, o poder divino revelar-se-á na conversão de muitas almas à verdade.

Serão maravilhosos os resultados dos seus esforços!

Pela Irmã WHITE

O Senhor está a rogar ao Seu povo, em todos os lugares, que semeie sobre todas as águas.

Tudo isto significa a obediência às Suas ordens. Significa, também, que compartilhemos continuamente aqueles dons que recebemos do céu.

A Causa de Deus necessita de Obreiros consagrados e também precisa de dinheiro.

Continuaremos a gastar os nossos recursos em coisas que não são essenciais, enquanto fica posto de parte o trabalho que ainda está por acabar?

Não nos arrependemos, antes, da nossa indiferença para com o trabalho que Deus espera de nós, e não pediremos ao Senhor que nos conceda o conhecimento e o discernimento para avaliarmos as necessidades espirituais, em que nos encontramos?

O espírito de liberalidade é o espírito do Céu.

O amor de Jesus, que se sacrificou por nós, está bem patenteado na cruz do Calvário.

Para que o homem fosse salvo, Jesus deu tudo quanto tinha e, finalmente, deu-se a Si mesmo.

A cruz do Salvador apela para a benevolência de todos os seguidores de Jesus.

O espírito que aqui se ilustra consiste em dar, dar sempre. Tudo isto transformado em verdadeira benevolência e boas obras, constitui o verdadeiro fruto da vida cristã.

A obra de Deus necessita de homens e de mulheres que estejam devidamente instruídos em Jesus. Desde o momento que os Obreiros de Deus O vêem, como Ele é, também eles mesmos se verão, como realmente são, e pedir-Lhe-ão que os faça o que efectivamente devem ser.

O egoísmo cria obstáculos ao homem, em vez de ajudas. É só à luz divina que podemos ver os nossos defeitos, e só na sua força é que os podemos remediar.

No último dia, quando a Terra sossobrar, aquele que tiver amontoado tesouros no céu, receberá aquilo que verdadeiramente ganhou.

Se tivermos prestado atenção às palavras do nosso amado Salvador, então, quando nos reunirmos, em torno do grande trono branco, veremos as almas que foram salvas por nosso intermédio, e então saberemos como se estabeleceu essa cadeia admirável mediante a qual, uma alma foi salvando outra e esta, seguidamente, salvou outra, e assim sucessivamente, formando, assim, uma admirável congregação, trazida ao porto do descanso, como resultado dos nossos fiéis esforços, indo todos depor as suas coroas aos pés de Jesus, e louvá-l'O pelos séculos dos séculos da eternidade.

Com que alegria o obreiro de Jesus não receberá os remidos, que estarão partilhando da glória do Redentor!... Que precioso se não tornará o Céu, para aqueles que foram fiéis no trabalho da salvação das almas!

Quanto mais nos aproximamos do fim da História do Mundo, tanto mais enganosas serão as armadilhas do inimigo. Com o decorrer do tempo, os seus ataques crescerão, mais ferozes e serão mais frequentes.

O supremo esforço de Satanás será feito no sentido de procurar ludibriar, se fosse possível, o verdadeiro eleito — a Igreja e os seus ministros. Por isso as hostes inimigas estão trabalhando arduamente para procurarem enganar os próprios eleitos. Se o inimigo conseguir adormecer os eleitos, para que não ouçam o chamado do alto, então o seu triunfo será certo.

Portanto, neste momento, necessitamos todos nós de uma conversão completa e de uma consagração sincera.

Todo aquele que estiver espiritualmente relacionado com o Senhor Jesus, será fortalecida para suportar os enganos do inimigo. A nossa segurança reside na prática sincera das verdades da Bíblia. É pela nossa humilhação pessoal perante o nosso Criador que convidamos para nos ser derramado amplamente o seu poder salvador.

Uma grande obra está para se realizar nos campos estrangeiros; e também, justamente, um trabalho verdadeiramente grande, está para ser feito no campo interno; efectivamente será mediante um esforço dedicada e consagrado no campo nacional que se ganharão obreiros para Deus, que continuarão a proclamar a verdade nos campos estrangeiros.

Neste momento, em que o inimigo está a trabalhar, como nunca, para embotar os espíritos dos homens e das mulheres, deveríamos nós trabalhar com redobrada actividade. Diligente e desinteressadamente temos de proclamar a última mensagem de misericórdia, nas cidades, nas estradas e nos atalhos: devemos chegar até junto de todas as classes sociais. No nosso trabalho encontraremos diversas nacionalidades; ninguém deve ficar sem ser advertido acerca da hora presente.

Jesus foi a dádiva de Deus ao mundo inteiro — não só às classes privilegiadas, nem a uma só nação, com exclusão de quaisquer outras, — mas foi dado a todo o Universo, para salvação de todos os homens. A sua graça salvadora rodeia, totalmente, o mundo.

Quem quer que seja pode beber das águas de vida. O Mundo anseia por ouvir a Mensagem da hora presente. E, enquanto os servos de Deus se erguem para levar a luz a todos os povos, também todas as Nações estão representadas para entrarem no serviço como instrumentos da escolha divina.

Há muitas pessoas que desejariam possuir um talento especial, a fim de realizarem uma obra

maravilhosa; mas estes mesmos perdem de vista os seus deveres, que estão ao alcance das suas mãos, e cuja execução lhes tornaria a vida perfumada. Que estas tais pessoas efectuem, antes, o trabalho, que lhes diz respeito e que se encontra, directamente, no seu caminho. O êxito não depende tanto do talento, como da energia santificada e da determinação. Não é a posse de capacidades esplêndidas que nos dará facilidades para vencer e servir, mas sim a execução conscienciosa dos deveres diários, o espírito humilde, a disposição resignada, o interesse franco e sincero, no bem-estar de todos os outros.

Se o amor de Jesus nos encher o coração, não há dúvida de que se manifestará na nossa vida.

Se tivermos qualquer aptidão para um determinado tipo de trabalho, ver-se-á tal coisa, quando mostrarmos tudo o que valemos no trabalho que temos mais à mão.

Sejamos dedicados e íntegros em tudo quanto fizermos.

Não percamos a coragem, se o começo se nos apresentar pequeno; mas elevemos o nosso alvo e enviemos todos os esforços para o alcançar.

Não permitamos que os obstáculos nos desanimem. Concentremos os nossos esforços para superar tais obstáculos. Perseveremos e venceremos.

Por isso, empreguem sempre os mais sérios esforços para vencer na luta contra o mal.

A Palavra de Deus tem sido escondida debaixo do alqueire. Mas bem sabemos que tem de ser explicada a todos aqueles que a desconhecem, que a ignoram, que não a compreendem. Procuremos estudar as Sagradas Escrituras com todos aqueles que manifestam o desejo de as conhecer.

Este trabalho pode ser diminuto no seu início, mas outros se lhe juntarão para o levar para diante; e, como na fé, e na dependência de Deus, o trabalho é dado para a instrução e cultura daqueles que o ouvem e recebem, estes tais receberão o significado do verdadeiro apostolado.

A minha mensagem para o nosso povo é a seguinte: «Levantai os vossos olhos, e vêde as terras, que já estão brancas para a ceifa».

Quando os Samaritanos vieram junto de Jesus, chamados pela mulher samaritana, Jesus falou-lhes dos seus discípulos, como uma seara pronta para a ceifa. «Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: Levantai os vossos olhos e vêde as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão, e ajunta fruto para a vida eterna; para quem, assim o que semeia, como o que ceifa, ambos se regozijem».

E como começou essa colheita?

Com uma pobre mulher — dando precisamente, a verdade a uma mulher, e esta comunicando-a aos outros. Efectivamente, aquela mulher foi para a sua aldeia e disse aos seus vizinhos e conhecidos: «Vinde». Eles foram, ouviram, e a colheita começou.

Jesus passou dois dias com os Samaritanos, porque estavam desejosos de ouvir as verdades da salvação. E que dias tão atarefados! E como resultado das suas obras, muitos mais acreditaram n'Ele. Foi este o testemunho deles: «Nós mesmos O temos ouvido, e sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do mundo».

Ora, é precisamente este trabalho que tem de ser realizado nos dias de hoje.

Há muitos que se estão preparando para a colheita, embora esses mesmos não o saibam. Neste momento, todos os nossos actos e palavras deveriam ser dirigidas para este fim. Poderíamos porventura gritar ao Senhor: «Ó Senhor já é tempo de operares, pois anularam a tua lei».

Isto, porém, não basta. Os ceifeiros têm de efectuar o seu trabalho. O povo de Deus tem de se erguer, tem de despertar da sua indiferença e egoísmo, e revelar um desejo de ser usado com a mão auxiliadora do Senhor.

Meus irmãos e irmãs! Levantai-vos, resplandecei!...

Chegou o tempo, em que deveríamos empregar todos os esforços

possíveis para dar esta última Mensagem ao Mundo.

Por isso peço a todos que possam relacionar-se com o trabalho da Mensagem, que o façam, desde já. Não sejais indiferente às mensagens que Deus vos dirige para a elevação espiritual do Seu povo; nem vos desinteresseis da responsabilidade que vos foi dada no conhecimento da verdade presente.

O primeiro e grande Mandamento de Deus é: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma e de todo o teu pensamento; e o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo».

O Senhor está-nos enviando contínuas instruções, apontando-nos a importância de nos tornarmos trabalhadores zelosos e diligentes.

Temos uma tarefa importante a desempenhar; uma tarefa que não pode esperar, uma tarefa que só pode ser concluída com o poder do Espírito e pelo Espírito, sob a direcção e o governo do Salvador.

Que cada crente, neste momento se apresente como um obreiro que vai trabalhar com Deus. Ponham-se de parte todas as diferenças, todas as desinteligências, todo o falar sem sentido. Mas, pelo contrário, falemos e procedamos rectamente. O Senhor operará através de toda a alma que generosamente

se lhe ofertar, como dedicado colaborador.

Deus concederá, largamente, a Sua graça a todos aqueles que se deixarem conduzir pelo Espírito.

O Senhor nosso Deus concede, amplamente, aos seus seguidores, o poder da persuasão, o poder da Sua graça, o poder da verdade, um amor profundo e constante a favor da Sua Obra, tanto no campo interno, como no externo. Dá-lhes corações que sentirão todo o interesse em se juntar a Jesus.

Por isso o trabalho tem de ser frutuoso, desde que seja efectuado por almas ornadas de tais características.

O reino da graça está agora a ser estabelecido; à medida que cada dia passa, os corações vão abandonando o pecado e a rebelião para darem lugar à soberania do amor de Deus.

Mas o completo estabelecimento do Seu reino de glória não se estabelecerá, senão com a Vinda gloriosa de Jesus a este Mundo.

«O reino e o domínio e a grandeza do reino dos céus será dado ao povo dos santos do Altíssimo. «Eles herdarão o reino que lhes foi preparado desde a fundação do mundo. E O Salvador Jesus assumirá a magestade do poder e reinará com os seus eleitos, pelos séculos sem fim.

Os portais do céu serão de novo erguidos, e o Salvador acompa-

nhado de milhares de santos avançará como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Jeová, Emanuel reinará sobre todo o mundo; nesse dia haverá um só Senhor, e um só nome.

O tabernáculo de Deus está com os homens, e Deus viverá com eles, e será o seu Deus».

Mas antes, porém, deste glorioso acontecimento, é necessário que se cumpra o que Jesus disse:

«Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim».

Por isso, sabemos que o Seu reino não virá sem que primeiramente as boas novas da Sua graça hajam sido levadas a todo o mundo.

Por isso, quando Deus nos concede que ganhemos muitas almas para o Seu reino, sabemos que estamos apressando a Vinda gloriosa do Salvador, a vinda do Seu reino.

Mas também sabemos que só aqueles que se devotarem ao serviço de Deus dizendo: «Eis-me aqui, Senhor, envia-me a mim», «a abrir os olhos aos cegos, a transformar os homens, a levá-los do reino da escuridão para a luz, e do poder de Satanás» — só esses é que oram com sinceridade: «Venha o Teu Reino». — *Review and Herald*, Novembro 1912, pp. 27-29.

(Continuação da pág. 1)

Demonstremos uma maior crença, do que no passado, nas «grandes e preciosas promessas» da Palavra de Deus.

Mostremo-nos diligentes na continuação do nosso trabalho missionário e no serviço cristão a favor dos outros, porque isso nos ajudará grandemente a conservar as bênçãos da Semana de Oração.

Tenhamos, sempre, bem presente que nos encontramos nos últimos tempos da história deste mundo, pois o Senhor Jesus está às portas.

Que a esperança da Sua próxima Vinda e a promessa da vida eterna sejam uma luz constante a iluminar toda a nossa vida.

Que Deus abençoe o povo Adventista em todo o mundo, nesta SEMANA DE ORAÇÃO de 1959!

A CONFERÊNCIA GERAL